

**OS TEMPOS**  
DA  
**INDEPENDENCIA.**

**DRAMA HISTORICO**  
**EM 3 ACTOS, PROLOGO E EPILOGO**

POR  
**Constantino do Amaral Tavares**  
(Natural da Bahia.)

REPRESENTADO NO THEATRO DE S. PEDRO DE ALCANTARA,  
DA CIDADE DA BAHIA, NO DIA 4 DE JULHO DE 1861,

PELA  
**SOCIEDADE PARTICULAR — INSTITUTO DRAMATICO —**  
EM FESTEJO AO DIA 2 DE JULHO DO MESMO ANNO.



**BAHIA:**  
TYP. DE ANTONIO OLAVO DA FRANÇA GUERRA.  
Rua do Tira-Chapéu n. 3.  
1861.

À ASSOCIAÇÃO

DOS

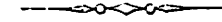
**CAIXEIROS NACIONAES.**

Este drama não pôde ser representado sem licença expressa do autor.

AMARAL TAVARES.

OFFERECE

# PERSONAGENS.



## DO PROLOGO.

PADRE JOSÈ IGNACIO RIBEIRO co- nhecido pelo nome de PADRE ROMA.....	<i>F. O. Machado.</i>
CONDE DOS ARCOS.....	<i>M. Duarte.</i>
LUIZ .....	<i>J. R. de Almeida.</i>
FR. LUIZ DE SANTA MARIA.....	<i>M. M. Nunes.</i>
UM AJUDANTE DE ORDENS DO CON- DE DOS ARCOS.....	<i>D. Duarte.</i>
O CARCEREIRO.....	<i>L. da Silva Ribeiro.</i>

## DO DRAMA.

O BRIGADEIRO IGNACIO LUIZ MADEI- RA DE MELLO.....	<i>J. Prudente da Silva.</i>
BRIGADEIRO PEDRO LABATUT.....	<i>J. Duarte.</i>
LUIZ.....	<i>J. R. de Almeida.</i>
ANDRÉ .....	<i>P. M. de Moura.</i>
JERONYMO .....	<i>Polydoro Bettencourt</i>
UM MAJOR.....	<i>A. J. C. de Moraes.</i>
MARIA.....	<i>D. Anna Costa.</i>

POVO, SOLDADOS, MARINHEIROS.

A scena passa-se na Bahia nos annos de 1817,  
1822, 1823 e 185....

## **PROLOGO.**

## PERSONAGENS.




O PADRE ROMA.  
O CONDE DOS ARCOS.  
FR. LUIZ DE SANTA MARIA.  
LUIZ.  
O CARCEREIRO.  
UM AJUDANTE DE ORDENS DO CONDE DOS ARCOS.

(A scena passa-se na cadeia na noite do dia 28 de Março de 1817, vespera da morte do Padre Roma.)



## PROLOGO.

Pequena sala contigua ao oratorio da cadeia. Porta ao Fundo: meza e cadeiras antigas. Um candieiro de cobre allumia a scena.



### SCENA 1.

O Padre Roma só, recostado á meza, medita.

ROMA.

Algumas horas mais e terei deixado de existir! . . . Irei comparecer perante o Juiz terrivel, que nos ha de a todos julgar em sua inflexivel justiça! Para Elle nada de duvida; é a verdade sem rebuço, que se lhe apresenta, e a sua decisão é irrevogavel! As virtudes e as culpas são pesadas nos dous pratos da balança: qual delles decidirá de minha vida eterna? . . . (*levantando-se*) Eis o que é o homem! Durante os annos floridos da existencia repatrêa-se nos braços do prazer; envolve-se nas teas emmaranhadas dos negocios; deixa-se possuir das paixões—só tem um pensamento, só mira para um ponto, só diante dos olhos lhe brilha uma luz—a esperanza do gozo. E' o cofre das

riquezas, a ambição satisfeita, a posse de uma mulher, uma dessas nihilidades, que lhes desvaira os sentidos! E bate a hora final e então que vista retrospectiva lança elle! . . . Fantasmas, que também me illudistes, sumi-vos! Idealidades, que tantas vezes afaguei, que é feito de vós? Esperanças lisonjeiras e verdes, que me embalaveis em vossas douradas azas, onde estais? Tudo desappareceu nos abysmos insondaveis de uma realidade desésperadora! (*Medita por um instante.*) Pobre patria, por que não pode meu sangue comprar a tua liberdade? Tanto trabalho, tanta lida, tudo perdido pela traição e covardia de alguns! Oh! Brazil! Eu queria a tua independencia e vou morrer! . . .

### SCENA 2.

Roma, o Carcereiro e depois um capitão.

CARCEREIRO.

O ajudante de ordens do Sr. capitão-general quer fallar ao Sr. padre.

ROMA.

A mim?

CARCEREIRO.

Sim, senhor.

ROMA.

Que entre. Pode o prisioneiro prohibir a entrada do carcere aos guardas, que o vigiam?

CARCEREIRO.

Vem de parte do Sr. governador.

ROMA.

Faça favor de dizer-lhe que o sentenciado está sempre á disposição do carrasco. (*Sahe o carcereiro.*) Que me querem ainda?

CAPITÃO (*entrando*).

O Sr. padre deve de estar prevenido de que venho fallar-lhe por ordem superior.

ROMA.

Sim, Sr. Disse-me o carcereiro que o Sr. vinha fallar-me de parte do Sr. conde dos Arcos.

CAPITÃO.

Bem.

ROMA.

Estou prompto a ouvil-o.

CAPITÃO.

O animo generoso de S. Ex. compadeceu-se de sua sorte. . .

ROMA (*ironicamente*).

Sim? . . . Então annulla a sentença do seu justiceiro conselho militar?

CAPITÃO.

Não, Sr. Sabe perfeitamente que não é de sua alçada esse poder.

ROMA (*idem*).

Nesse caso manda dar-me os pezames pela minha morte? Obrigado pela delicadeza.

CAPITÃO.

Mas se o Sr. governador não pode de sua autoridade perdoar os seus crimes (*Roma ri-se*), pode, todavia, implorar a commiseração de El-Rei, nosso senhor.

ROMA.

Queira fallar unicamente por conta propria. Nasci livre e para não viver escravo é que vou morrer.

CAPITÃO.

Sr. padre, tenha a bondade de attender a que venho cumprir uma commissão e não discutir. O Sr. governador compromette-se a adiar a execução de sua sentença e obter de El-Rei o seu perdão uma vez que...

ROMA.

Uma vez que eu commetta alguma infamia, não é assim?

CAPITÃO.

Uma vez que declare os nomes dos habitantes da Bahia relacionados com os rebeldes de Pernambuco.

ROMA.

Que mais?

CAPITÃO.

O Sr. governador promette guardar o mais rigoroso segredo e nem perseguir a esses, cujos nomes o Sr. houver indicado.

ROMA.

Era de prevêr. O delegado de um governo despota só pode propor uma covardia.

CAPITÃO.

Sr. padre!

ROMA.

Sr. Capitão, como soldado, que é, cumpriu a ordem que lhe deram: cabe-me agora responder-lhe. Diga ao conde dos Arcos que somente quem não tem dignidade propria deixa de respeitar a albeia.

CAPITÃO.

Essas palavras...

ROMA.

São de um homem, que se preza e a quem se acaba de irrogar uma injuria. Diga ao conde dos Arcos que o segredo ha de baixar commigo á sepultura. Se homens existem, que não cumprem a palavra dada; que perjuram as mais sagradas promessas; outros hão de morrer sem que seus ultimos momentos sejam torturados pelo remorso atroz de uma vifania commettida. Reitero o que disse perante o conselho: não tenho complices ou, se os tenho, quero que vivam para receberem o legado, que lhes deixo, na lembrança de me

haverem visto arcabuzar, sem que levantassem a voz, sem que fizessem um movimento. Eis a minha resposta.

CAPITÃO.

Mas não attende . . .

ROMA.

Só tenho a attender ao dictame da honra, já que o do patriotismo vai emudecer commigo na morte, tendo emudecido com outros na vida. Nada mais temos a tratar. As ultimas horas de um condemnado pertencem a elle, a Deus e á sua consciencia.

CAPITÃO.

Adeus, Sr. padre.

ROMA.

Adeus, Sr. capitão. (*Sahe este*) Covardes! Covardes, que estendeis os pulsos aos grilhões e sorrides! Covardes, que preferis viver escravos a morrerdes livres! O cão morde a corrente, que o prende; o homem beija a mão, que o agrilhõa! Sociedade putrida, eu te abandono em tua lama e em teu pó: rebolca-te á vontade e come o pão, de que te lançarem os pedaços. Vou abandonar-te e elevar-me a uma habitação, em que só as virtudes tem lugar, em que a preeminencia não provém de um acaso sem significação.

SCENA 3.

Roma e Fr. Luiz.

ROMA.

Bem vindo seja, meu padre. A sua presença fazia-me falta. Necessitava de uma voz evangelica, que me sustentasse neste' transe extremo, principalmente quando meu pensamento não se destacou ainda inteiramente do mundo, que vem neste mesmo lugar procurar-me.

FR. LUIZ.

E aqui estou eu, meu filho. Deus, que é todo poderoso, permittirá que o fraco orgão de seu servo seja o interprete de sua palavra.

ROMA.

Cumpriu a promessa, que me fez?

FR. LUIZ.

Sim, Sr. Alcancei licença para esse moço fallar-lhe, debaixo da condição de que seria revistado ao entrar e ao sahir, promettendo eu, alem disso, que assistiria á conferencia, para que não permittisse que ella versasse sobre a revolução, de que o Sr. é uma das victimas.

ROMA.

Mil vezes obrigado. Este menino, meu padre, sendo natural desta provincia foi para Pernambuco com seu pai, que lá morreu: eu o crici e eduquei. Amando-o muito e tendo, alem disso, em consideração a sua



pouca idade, não quiz arriscal-o na empreza, em que me embarcava, e mandei-o para cá. O que vou dizer-lhe é simples e nada envolverá que possa presentemente assustar o poderoso (*ironicamente*) governo, que nos rege.

FR. LUIZ.

Vou chamal-o.

ROMA.

Ouçã-me ainda. Dentro em pouco terei deixado de existir: ahí fica, portanto, o mancebo inexperto exposto ás vicissitudes da vida sem ter quem o guie. Em Pernambuco, onde é conhecido, correria perigos, de que poderá esquivar-se na Bahia, se houver alguém, que lhe ensine a maneira de proceder. Seu pai, de quem fui amigo, deixou-o orfão e quasi sem parentes. Ninguém tenho aqui a quem o confie. Lembrei-me de pedir-lhe, Sr. padre, que se encarregasse desse misero, que pela segunda vez fica orfão. Ter-me-ci illudido em minha esperança?

FR. LUIZ.

O Sr., que tambem é sacerdote, sabe que o nosso primeiro dever é consolar os afflictos e soccorrer os desgraçados. Eu mé encarregarei do moço; procurarei incutir-lhe n'alma e no animo os sentimentos de um homem honesto e piedoso; e sempre que fizer as minhas orações pedirei a Deus que o proteja.

ROMA.

Como lhe poderei agradecer? (*Querendo beijar-lhe a mão*).

FR. LUIZ (*recusando*).

Aproveitando estes curtos momentos para o arrependimento de suas culpas; pedindo a Deus por mim e pelo moço, quando se achar aos pés do Criador. Eu já volto.

ROMA (*vendo-o chegar a porta do F.*)

Não; eu me enganava: ainda existem bons corações, ainda tudo não está perdido! (*Fr. Luiz chega á porta do F., faz um signal para dentro e entra Luiz. Fr. Luiz senta-se á parte, lendo o breviario, em quanto os dous conversam.*)

#### SCENA 4.

Os mesmos e Luiz.

ROMA (*abraçando ternamente o moço*).

Meu filho!

LUIZ.

Sr. padre!

ROMA.

Como nos havíamos de tornar a vêr! (*Luiz chora.*) Não chores. Para todos tem de bater a hora final e tanto vale morrer de uma forma, como de outra. O instante, que separa a vida eterna da terrestre, passa rapido e para o philosopho a approximação desse instante nada tem de terrivel.

LUIZ.

Mas aquelles, que nos são caros. . .

## ROMA.

Aquelles, que nos são caros, choram a nossa morte por alguns dias, quando muito. Demais em mim o caso sabe fora do ordinario. Eu sou um martyr e a coroa do martyrio sempre foi uma gloria para quem a cingiu. Meu filho, vou morrer e lego-te o cuidado de me vingares. Não é, porem, dessa vingança torpe e barbara, que se sacia de cadaveres, que fallo; não. Eu quero ser vingado, sim; porem de um modo nobre, sublime, que faça do executor de minha vingança um heroe, como Washington, como Bolivar; um martyr, como Viriato, como Tira-dentes, como eu. A minha vingança consistirá em ser um dia victoriosa a idéa, por que hoje me assassinam. Menino, juras por esta alma, que breve comparecerá perante aquelle, que a criou, que serás o executor dessa vingança, que a promoverás por todos os meios, que por ella sacrificará fortuna, vida, familia?

LUIZ.

Juro.

ROMA.

Ouve. O que me mata, não é a traição de alguns homens: é a occasião, que foi inopportuna. Os espiritos não estavam preparados para a revolução: imprudencia e temeridade foi tental-a. Não consintas, portanto, que em tua presença se increpe o povo bahiano de não haver secundado Pernambuco. O povo de nada sabia, ignorava até que de seu maior bem é que tratavamos. Traidores houve de feito, mas que vale

isso? Pelo animo vil de alguns homens aquilata-se por ventura o genio das nações? Porque Coriolano trahiú Roma e o condestavel de Bourbon combateu contra sua patria, segue-se que Roma e França não tenham sido mais fecundissimas de heroes? E não sei que presentimento me prognostica, que será a Bahia quem um dia mais pugnará pela independencia do Brazil. O meu sangue e o daquelles, que commigo cabirem, victimas de seu patriotismo, abraçará o solo e fará que delle brotem os soldados para a liberdade da patria.

FR. LUIZ (*parando a leitura*).

Sr. padre, curta foi a licença, que obtive, e assim...

ROMA.

Já termino, meu padre. Tens gravado na memoria o que te acabo de dizer?

LUIZ.

Tudo me ficará na cabeça e no coração.

ROMA.

Seja a Bahia, ou Pernambuco, ou outra qualquer provincia, que tome a dianteira, tu lá te debes achar no dia do combate. E' necessario que a alma do padre Roma esteja presente na occasião e na fileira dos bravos. Esse é o lugar, que me compete, e tu me representarás. Confiei á tua guarda daquelle padre; ouve-o, segue-lhe os conselhos, salvo se estes se oppozerem á causa da emancipação do Brazil. Agora, adeus: abraça-me pela ultima vez.

LUIZ.

Abençõe-me, Sr. padre.

ROMA (*collocando as mãos sobre a cabeça delle*).

Eu te abençôo, em nome de Deus, para que sejas um homem virtuoso; eu te abençôo, em nome da patria, para que sejas um bom cidadão. (*Levanta-o e abraça-o.*) Adeus, meu filho.

LUIZ (*tirando-se a custo dos braços delle e sahindo*).

Adeus!

ROMA (*vê-o sair e curva a cabeça meditando*).

Assim vão-se as affeições desapegando de quem em breve deixará de existir; assim, quanto nos liga á terra se vai desprendendo, até que sôa a ulima hora. Que resta depois disto?

FR. LUIZ (*que se tem approximado*).

A esperança em Deus e em sua misericordia.

ROMA.

Sim, Sr. padre; a esperança em Deus e ai de nós! que tal não fora! Quando tudo se esvaece, quando uma a uma as nossas illusões desaparecem, nossos planos abortam, nossas ideas naufragam, é a divindade, que surge, rodeada de seus resplendores, sublimada em sua magestade, para nos consolar e sustentar.

FR. LUIZ.

E' grato ouvil-o fallar desto modo, No seu caso um

unico pensamento o deve de preoccupar, é o que ha de levantál-o ao ceo depois de ligeiras dores, que serão o preludio da bemaventurança eterna: é o arrependimento.

ROMA.

De nada me accusa a consciencia. Executei durante a vida os preceitos de Deus; amei o meu proximo, respeitei a igreja, soccorri os infelizes. Amei, porem, demasiadamente talvez o meu paiz e dahi provém a morte prematura, que me vai ferir. Livre de pensamento, quiz sel-o de corpo; quiz libertar a minha patria: seria um crime? Envidei para isso meus maiores esforços, trabalhei, lutei, fui vencido e vou morrer. Deus me perdoe, se errei; mas se me fora possivel recommear, ainda tendo em perspectiva a sorte, que me calca, outra vez trabalhara, lutara, para ser novamente vencido.

**SCENA 5.**

**Os mesmos, o carcereiro e depois o conde dos Arcos.**

CARCEREIRO (*a Fr, Luiz.*)

Uma pessoa, que deseja fallar ao Sr. padre Roma, pede a V. Revm.<sup>a</sup> que se retire por um instante.

ROMA.

E porque? Quando é que o confessor deveu apartar-se do penitente? E quem pode em tal occasião procurar-me?

FR. LUIZ.

E' naturalmente alguém, que tem licença para fallar-lhe em particular e pode ser que tenha cousas importantes a dizer-lhe: quem sabe? E demais a minha ausencia será curta. Dentro de poucos momentos aqui estarei e não hei de abandonal-o mais, se não. . .

ROMA.

Senão quando eu voar aos pés do Eterno, meu padre. Confio na sua assistencia. (*Sahe Fr. Luiz. Entra o conde e faz um signal ao carcereiro para retirar-se. Quando está só com Roma tira a capa, em que vem envolvido. Traja de escuro. Roma ao reconhecê-lo recua admirado.*)

ROMA.

O Sr. conde dos Arcos!

CONDE.

Eu mesmo, Sr. padre. Pela resposta, que por meu ajudante recebi, entendi que o Sr. não comprehendera meu pensamento e vim explical-o.

ROMA.

Para que, Sr. Conde? Para que forçar-me a perder em vãs palavras as horas, que ainda tenho de vida e que todas devem de ser consagradas ao recolhimento e á religião? Que importa que eu não comprehendesse o seu pensamento e que resultado se colherá das explicações, que V. Ex. digna-se de querer dar-me?

CONDE.

Importa mais talvez do que lhe parece: importa a sua vida.

ROMA.

A minha vida? . . . Que vale isso? Desde que me puz ao serviço de uma idea; desde que concebi o pensamento, sem duvida temerario e prematuro, os factos o provam, de libertar minha patria; desde então que fiz o sacrificio de minha vida: vou consummal-o. Como as victimas da antiguidade, não irei coroado de flores, irei coberto de baldões: a posteridade é que me ha de vingar. E, alem disso, que pode haver de commum entre o representante plenipotenciario de um governo de ferro e o rebelde, que vai ser justificado, senão as balas, que o hão de atravessar? Que pode haver de commum entre o potentado conde dos Arcos e o padre José Ignacio Ribeiro?

CONDE.

Ouçá-me, Sr. padre, e, se é possível, acalme a exaltação, que infallivelmente ha de existir em suas ideas. Sim, eu sou o representante de um governo absoluto; sou o executor das ordens da metropole; mas debaixo de minha farda de capitão-general bate o coração de um homem. Quem se veste com roupas fabricadas de pelles de tigre, não se segue que fique com as sanhas da fera. Se meu dever é cumprir os decretos do rei; se a elle devo fidelidade e submissão, todavia, outros deveres me obrigam tambem. Tenho acima de tudo a minha consciencia de homem, a mi-

nha missão de governador de um povo, o meu sentimento de individuo em relação á humanidade. Os reis lavram as nomeações: Deus toma contas a quem governa mal os povos.

ROMA.

E' o Sr. capitão-general quem falla?

CUNDE.

Não; é D. Marcos de Noronha e Brito. A revolução de Pernambuco surprehendeu-me por prematura: a idea, ha muito que a concebo e commigo todos que raciocinam. A independencia do Brazil é um desses factos, que o mundo sabe que hão de ter lugar. Mas para isso é necessario preparar os homens e as cousas e nada se achava actualmente prompto para a luta. Pensando deste modo, já se vê que não posso condemnar aquillo, que eu promovera talvez, se houvera nascido na plaga americana; se me chamara Alvarenga ou Xavier, Andrada Machado ou padre Roma. Mas eu sou o conde dos Arcos, o capitão-general de uma provincia do reino de Portugal. Se o direito de vós outros brasileiros é de vos insurgirdes pela liberdade de vosso paiz natal, o meu dever é de conservar a integridade da monarchia portugueza; é defender até o ultimo alento o governo, que me foi confiado. Ninguem me condemnará por isso. Mas, professando estes principios, que lhe communico, como se estivera aos pés do confessorio, não desejo ensanguntar a minha administração; não desejo dormir o somno da tranquillidade, tendo por traves-

seiro os cadaveres dos patriotas brasileiros. Eis o que proponho. Quaes são as relações, que tem Pernambuco com a Bahia? Quero unicamente desfazer a trama e prevenir os incautos de se precipitarem. Não procederei contra ninguem: dou-lhe minha palavra de honra. Para o que vai em Pernambuco e sobre os meios de fazer parar a revolução, combinaremos. Comprometto-me a obter amnistia do rei e o segredo morrerá entre nós ambos.

ROMA.

Não, Sr. conde. O que V. Ex.<sup>a</sup> propõe, acceito por mim, seria pelo menos uma fraqueza imperdoavel, quando não uma infamia. Nós dous, frente á frente, como estamos, representamos dous principios bem diversos, que nunca commungarão á mesma mesa: eu represento a liberdade, V. Ex.<sup>a</sup> o absolutismo. Duas epochas se divisam em nossas pessoas: eu sou o futuro, V. Ex.<sup>a</sup> o passado. Não poderemos nunca chegar a um accordo.

CUNDE.

Então quer que as commissões militares continuem suas fataes sessões? Quer que pague o povo a inadvertencia de algumas cabeças exaltadas, que se não lembraram de que tinham de bater-se contra um governo forte e armado?

ROMA.

A arvore da liberdade, para que madre e se desen-

volva, deve de ser regada pelo sangue dos martyres da patria. A União Americana insurgiu-se e bateu a Inglaterra; a Suissa levantou-se e venceu a Austria; Portugal sublevou-se e derrotou Castella. Washington, Guilherme Tell, o duque de Bragança ficaram sendo os idolos de seu paiz natal, que libertaram. Ha de raiar o dia brasileiro: ha de tambem surgir o seu heroe. A minha resolução é inabalavel. Assim, peço a V. Ex.<sup>a</sup> que me deixe entregue ás minhas meditações; que consinta que entre o confessor, que me tem de conduzir ao campo da execução.

CONDE.

A historia ha de talvez lançar-lhe um estigma pela sua obstinação, Sr. padre.

ROMA.

Não. O nosso segredo morrerá connosco, Sr. conde. Não é a mim, é a V. Ex.<sup>a</sup> que a historia ha de condemnar.

CONDE.

Será: os destinos do homem tem de infallivelmente cumprir-se. O Sr. dentro em poucas horas terminará a sua missão sobre a terra. Eu ficarei cumprindo a minha. De homem honrado a homem honrado, de patriota a patriota, cada um nos limites de seus deveres e direitos, permitta que pela primeira e ultima vez lhe aperte a mão.

ROMA (*apertando-lhe a mão*).

Adeus, Sr. conde. Os homens talvez nos julguem mal; porem a nossa consciencia está sobre elles.

FR. LUIZ (*apparecendo ao F.*)

E acima de todos está Deus! (*O conde e Roma curvam a cabeça pensativos*).

(*Cabe o panno.*)

**1.º ACTO.**

## PERSONAGENS.



O GENERAL MADEIRA.

LUIZ.

ANDRÉ.

JERONYMO.

MARIA.

SOLDADOS E MARINHEIROS.

(A scena passa-se no dia 19 de Fevereiro de 1822.)



## ACTO I.



Sala de uma casa pobre com moveis apropriados: janella á E. A. e porta á E. B., dando para o exterior; porta á D. B. communicando para o interior. E' uma hora da tarde.

*(Ao levantar o panno André e Jeronymo jogam as cartas. André, cabo de esquadra do esquadrão de cavallaria, tem a farda aberta, a gravata de sola e a barretina em cima da mesa: é homem maior de trinta annos, alto, magro, grandes bigodes, modos de Ferrabraz; fuma, cospe e pragueja a todos os momentos. Jeronymo, regulando a mesma idade, baixo, barrigudo, tomando rapé e assoando-se de continuo, falla manso e socegado.)*

### SCENA 1.

**André e Jeronymo.**

JERONYMO *(tomando uma forte pitada).*

Compadre, perdoe, parece que Vm. enganou-se.

ANDRÉ *(tirando o cachimbo da boca e cuspiendo).*

C'os diabos! Com quem pensa que falla, Sr. Jeronymo? Julga, que sou algum recruta, que nunca pegou nas cartas?



## OS TEMPOS

JERONYMO.

Isso não vai a zangar, compadre; Vm. tem um genio...

ANDRÉ.

Qual genio! Com mil bombas! Dizer que eu me enganei no jogo é o mesmo que dizer que estou roubando, e isso são graças pesadas!

JERONYMO (*tomando pausadamente outra pitada e offerecendo*).

Gasta?... Ora qual roubar! Então um homem não se póde enganar?

ANDRÉ.

Olhe, Sr. Jeronymo Cascudo, eu fiz a guerra da península e não fui nenhum *manicacas*, e quando alguém me olhava por cima do hombro, com trezentos milhões de diabos!... ia tudo razo

JERONYMO.

Isto se vê pelo seu *arreganho*...

ANDRÉ (*em ar de arremetter*).

Pensa que é graça? Se duvida...

JERONYMO.

Os santos do paraizo me guardem de tal!

ANDRÉ (*misturando as cartas, que tem na mão, com as jogadas*).

Pois acabou-se o jogo.

## DA INDEPENDENCIA.

JERONYMO (*pitada*).

Gasta?... Ora, compadre, isso não se faz. Ia dar-lhe um capote...

ANDRÉ.

Capote? *Vaucé? Vaucé* é gente para bater-se comigo em cousa nenhuma? Com todos os santos do ceo! parece que Vm. quer hoje me apurar a paciencia?

JERONYMO.

Diga-me cá, compadre, Vm. antes de se recollher passou lá pela venda? Eim?

ANDRÉ.

Quererá dizer que estou bebado?

JERONYMO.

Qual! Queria saber se...

ANDRÉ.

Sabe de uma cousa, Sr. Jeronymo?...

JERONYMO.

Já vejo que Vm. está de mão humor e assim vou-me. (*Vai para sair*.)

ANDRÉ.

Não se zangue, compadre; bem sabe que isto é genio.

JERONYMO.

Bem sei, porem, como não sou seu sobrinho, não tenho obrigação de atural-o.

ANDRÉ (*à parte*).

Oh! diabo! É capaz de se zangar e não me fia mais nem um vintem. (*Alto*) Ora, compadre. . .

JERONYMO (*pitada*).

Gasta? . . . Sr. André, -muito boa tarde! Não se esqueça d'aquella nossa continha e assim que poder. . .

ANDRÉ (*à parte*).

Eil-o commigo. (*Alto*) Sente-se, compadre, e conversemos. Estes tempos estão muito máos! E com todos os diabos! se eu fosse o general havia de mostrar a esta canalha *pra* quanto prestava.

JERONYMO.

Ella importa. . .

ANDRÉ.

O que? Ella que se importa? Acaso será Vm. do tal partido brasileiro?

JERONYMO.

Não é isto que digo. Digo que a nossa conta importa, se não me engano, em quatro mil. . .

### SCENA 2.

Os mesmos e Luiz.

LUIZ.

Deus seja com os Senhores.

ANDRÉ (*à parte*).

Ah! que allivio! (*Alto*) Adcus, Sor Luiz, como tem passado?

LUIZ.

Nem bem, nem mal. Zangado com os negocios publicos.

JERONYMO (*tomando a pitada e offerecendo a Luiz*).

Gasta?

LUIZ.

Não, Sr.; obrigado. As cousas vão de mal a peor.

ANDRÉ (*em ar ironico*).

Então temos novidade? . . .

LUIZ.

Admira que o Sr. não saiba, sendo ordenança do general.

ANDRÉ.

É que eu hoje *stou* de *scrga*. O que sei é umas cousas, que não prestam *pra* nada. Se Vm. estivesse na guerra da península é que havia de vêr. . . E esta! El-Rei, nosso senhor, nomeia o meu general para commandante das armas, esta canalha não quer que elle seja. . . E que se ha de fazer? Dar-lhe *pra* baixo. E então quem querem que seja commandante? Um Sr. *Manel* Pedro, que não vale nada, que nasceu cá na Bahia. . .

LUIZ (*que o escutou em ar de desprezo*).

O Sr. nem sabe o que diz. O Sr. não comprehende que a questão entre Manoel Pedro e Madeira é talvez o preludio de outra maior, cuja consequencia final será o esmagamento de uma nação por outra; o Sr. não comprehende, que Manoel Pedro e Madeira não são dous homens, são duas entidades moraes, cada uma dellas, representando uma nacionalidade, uma bandeira, uma ideia. Madeira, para nós outros brasileiros, significa o despotismo do governo de Lisboa; Manoel Pedro significa a resistencia de um povo cansado de soffrer. A luta principia, as armas já se preparam. Seremos vencidos, é possível, porem sangrada ha de ser a victoria.

ANDRÉ (*em ar de mofa, lançando baforadas de fumo*).

*Havera* de ter sua graça! Então pensa Vm. que ha de haver batalha... sim, porque *pra* haver victoria...

LUIZ.

Ha occasiões, Sr. André, em que é necessario lembrar-me de que, ha muito, o conheço e de que aquelle respeitavel sacerdote, a quem tanto devi, depois da morte do meu protector, o honrava com sua amizade; é necessario lembrar-me de tudo isso para não responder ás suas insolencias.

ANDRÉ (*á parte*).

Que menino esquentado! (*Alto*) Ora, Sr. Luiz, eu estou brincando *pra* vel-o fallar.

JERONYMO (*pitado*).

Gasta?... Mas diga-me, meu rico Sr., o que é que ha?

LUIZ.

Que ha? Não tem ouvido os tiros?

JERONYMO.

Ha bocado ouvi, mas me disse o amigo André que era exercicio de fogo.

LUIZ.

Sim, será exercicio de fogo; são os soldados portuguezes e brasileiros, que exercitam as suas pontarias uns nos outros. Perto do forte de S. Pedro batem-so os dous partidos e só Deus sabe qual será o vencedor.

JERONYMO.

Valha-me Deus! Como hei de ir d'aqui de S. Francisco á ladeira da praça? A minha venda!... O caixeiro, que deixei la é um menino.

LUIZ (*á parte*).

E Maria que não vejo!

JERONYMO.

Amigo André, Você, que é militar e mette respeito, podia me acompanhar... Alem disso, como o general está no fogo, Você deve estar ao pé delle.

ANDRÉ (*á parte*).

Assim era eu tôlo! (*Alto*) Estou de *força* hoje e a *força* do militar é sagrada.

LUIZ (*á parte*).

Voltarei depois. (*Alto*) Adeus, Sr. André.

ANDRÉ.

Adeus Sr. Luiz (*Sahe este*).

JERONYMO,

Ora, compadre, V. me podia fazer o favor. . .

ANDRÉ (*dirigindo a palavra em direcção ao caminho, que seguiu Luiz*).

O que tu querias sei eu; mas ficaste *gorado*, que o mel não é *pra* a boca do asno.

JERONYMO.

Compadre. . .

ANDRÉ.

*Vivorio!* Tem medo? De que? Não me faltava mais nada do que sahir agora, endefluxado como estou, *pra* tornar a me constipar, e cahir n'uma *tisga*. (*Vozérias, que se approximam.*)

JERONYMO.

Que será?

ANDRÉ (*á parte*).

Mão. (*Alto*) Ora não é nada. (*Dentro: Fôra a Camara! Morra Manoel Pedro!*) (*Chegando á janella*) Morra! (*Fallando para fôra*) Oh! V. Ex.<sup>a</sup> quer honrar esta sua casa? (*Entra apressadamente*) Valha-me Deus! Está o general!

JERONYMO.

O general?!

ANDRÉ (*atrapalhado abotóa erradamente a farda, põe a barretina com a pala para traz e vai receber o general*).

### SCENA 3.

• general Madeira, André e Jeronymo.

MADEIRA.

Adeus, meu bravo! Então como vai isso?

ANDRÉ (*que postado á porta lhe fizera a continencia militar.*)

Sempre ás ordens de *Vossincellencia*.

MADEIRA.

Quando ha fogo, os meus ordenanças ficam em casa, André?

ANDRÉ.

Fogo? . . . Houve fogo? . . . Me perdõe, meu general. Eu bem lhe dizia, compadre Jeronymo, mas V. teimou. . . (*Madeira repara em Jeronymo.*)

JERONYMO (*cumprimenta*).

Um criado de *Vossincellencia*... Olhe compadre...

ANDRÉ.

Elle teimava, que era o atordoamento, que tenho na cabeça, porque desde hontem tenho estado por terra, meu general.

MADEIRA.

Sim, eu bem te conheço. . .

ANDRÉ.

*Vossincellencia* sabe. . .

MADEIRA.

Faze retirar este homem.

ANDRÉ (*tomando Jeronymo a um lado*).

Compadre, V. vá se embora, que o general quer me fallar sobre negocios importantes. . . sobre politica. . . este estado de cousas. . .

JERONYMO.

Sim, eu mesmo estava doudo por me safar; porem como hei de sahir com estes barulhos pela rua? . . .

ANDRÉ.

Se V. não sabe por bem, vejo-me obrigado a mandal-o preso por algum ordenança.

JERONYMO.

Nada, nada, deixemo-nos de graças. Ás ordens do *Vossincellencia*. Onde deixaria a minha caixa? (*apalpando-se*).ANDRÉ (*torcendo o bigode*).

Compadre. . .

JERONYMO.

Ah! cá está. (*Toma uma pitada*) S. Jeronymo me acuda e me acompanhe. (*Sahe*).

ANDRÉ.

Estou às ordens de *Vossincellencia*.

MADEIRA.

Quem é este homem?

ANDRÉ.

Isto é um pobre vendelhão. . . tem ahí uma vendola e como o conheci n'outro tempo, dei-lhe a minha freguezia.

MADEIRA.

E' homem em que se possa fiar?

ANDRÉ.

Nada, não Sr. E' um *maricas*. Oh! com os di. . . E eu deixando *Vossincellencia* de pé! (*Puxa uma cadeira, sacode e offerce-a ao general.*) Aqui, meu general.

MADEIRA.

Não, obrigado. Então? . . .

ANDRÉ.

Mou general, eu estou envergonhado. A tal raparigota poz os pés á parede. Não sei quem lhe metteu na cabeça certas cousas. Diz que ha de casar com um *melcatrefe*, que anda ahí, que era bem bom que *Vossincellencia* o mandasse *pra* bordo de alguma fragata. . .

MADEIRA.

E quem é elle?

ANDRÉ.

E' um tal chamado Luiz. . . Luiz. . . Luiz Ignacio; um perdido, que não tem onde caia morto. E' do partido do *Manél* Pedro. . .

MADEIRA.

Cuidaremos d'elle. Lembra-me isso amanhã.

ANDRÉ.

Sim, Senhor.

MADEIRA.

Ouve. Os soldados e os marinheiros andam espalhados por toda cidade, festejando a victoria, que alcançamos. Tu vais sahir e eu já dei as ordens necessarias para, logo que te ausentes, a rapariga ser arrebatada. Isso passará por algum excesso da soldadesca. (*Dá-lhe uma bolsa*) Aqui tens para indemnisação do estrago da mobilia. (*Luiz apparece á porta e vendo o general recua.*)

LUIZ.

Que quer aqui o general? (*Torna a sahir.*)

ANDRÉ.

E para onde vai ella?

MADEIRA.

Nada tens com isso. Vai para o quartel general e espera minhas ordens. Eu demoro-me ainda até que se approxime a gente. A porta ficará aberta para maior facilidade. Maria de nada suspeita e, julgando

que os que entram querem apenas roubar, não opporá resistencia. . .

ANDRÉ.

*Vossincellencia* sabe, como sou prompto em cumprir as ordens. . .

MADEIRA.

Bem, adeus.

ANDRÉ (*endireitando-se, á parte*).

Isto é que é dinheiro para custar a ganhar-se! Valham-me as onze mil virgens! (*Alto*) *Vossincellencia* não ordena mais nada?

MADEIRA.

Nada mais.

ANDRÉ (*tomando o péso á bolsa*).

Por causa das duvidas, cá vai. Os meus camaradas são muito honrados, porém. . . (*Sahe pela E. B.*)

MADEIRA.

As cousas marcham bem: brevemente terá tudo entrado em seus eixos e serei eu o verdadeiro senhor da terra, dispondo, como disponho, da tropa em sua melhor e maior parte. Os partidarios de Manoel Pedro batidos que sejam, ninguem mais resistirá. Entretanto, angustiadas são as horas, que passo! Oh! ambição, ambição dos homens! de quantos crimes és tu a promotora! (*pausa*) Não ha que recuar; agora é levar ao cabo a empreza, ou deixar a cabeça no caminho! Mas,

*(sorrindo)* alguma compensação devo ter e é ella, Maria, a minha idolatrada Maria, que m'a ba de dar. O meio é um pouco violento; porém isso mesmo lhe provará o meu amor: as mulheres não desgostam de um pouco de audacia. Elles não devem tardar e é necessario deixar-lhes o campo livre. *(Vai a sahir e en- contra Luiz, que entra.)*

#### SCENA 4.

Madeira e Luiz.

LUIZ *(cumprimentando-o)*.

Sr. general!

MADEIRA.

Quem é o Sr.? Que quer nesta casa?

LUIZ.

Sou um homem, que não tem nome, porque ainda o não fez conhecido; que não tem patria, porque a terra, em que nasceu, é escrava; que não tem futuro, porque impossivel é presentemente a qualquer julgar-se vivo no dia de amanhã. Já vê V. Ex.<sup>a</sup> que não posso precisamente responder á primeira parte da pergunta, que me fez a honra de dirigir. Todavia, se V. Ex.<sup>a</sup> me chamar bahiano, responderei gostoso ao apello.

MADEIRA.

Bem, Sr. bahiano; como o Sr. é um homem sem nome, sem patria, sem futuro e naturalmente sem officio ou occupação decente, estou no direito de jul-

gal-o um desses entes, que se separam da sociedade e são della rejeitados, por sua má indole e costumes, e aos quaes é uso chamar réos de policia. Para esses ha sempre lugares nas náos de Sua Magestade e eu me lembrarei do Sr. *(á parte)* E' sem duvida elle!

LUIZ.

V. Ex.<sup>a</sup> está no direito de tudo e nem eu lh'o contestarei; todavia, me permitirá, que lhe observe, que om meio de sua omnipotencia ha uma cousa, a que se não resiste e que sempre se deve ter em vista, é a idéa popular.

MADEIRA.

Como?

LUIZ.

Perdão, ainda não tive a honra de responder á segunda parte da pergunta de V. Ex.<sup>a</sup> Venho a esta casa com o direito, que tem qualquer homem de entrar em casa do seu amigo; ainda mais, com o dever, que assiste ao forte de proteger o fraco.

MADEIRA

Então é o Sr. bahiano amigo do dono da casa e vem, como inculcou, protegê-lo de perigos, que o ameaçam talvez e que o Sr. pode conjurar?

LUIZ *(desdenhosamente)*.

Nem sou amigo do dono da casa, nem vim protegê-lo...

**MADEIRA** (*que sempre conserva um sainete de ironia fallando á Luiz*).

Nesse caso não comprehendo. . .

**LUIZ.**

Sr. general, não percamos tempo em trocar palavras, que nada significam. V. Ex.<sup>a</sup> não tem o direito de interrogar-me sobre os motivos, que aqui me trazem, e se o arroga a si, não estranhará de certo que eu tambem me julgue com as mesmas regalias. Mas, como entendo que um homem honrado pode sempre dizer o que faz e o que pretende, apraz-me dizer que os motivos, que aqui me conduzem, são justificados e nobres; que o reccio de que a desolação e a morte, que neste momento devastam a infeliz Bahia, penetrem até aqui, conduziu-me a este logar a proteger um ente fraco, não somente das garras dos assassinos, que percorrem a cidade, como tambem e muito principalmente dos perigos, que um rosto angelico de mulher virtuosa pode provocar das sanhas de um seductor poderoso.

**MADEIRA.**

Senhor! . . .

**LUIZ.**

Não se altere, Sr. general. Em sua presença não está o seu ordenança, servo miseravel, que vende a honra por uma divisa de cabo, ou, um punhado de ouro; não estão os seus asseclas, que com a lembrança do saque assassinam quem encontram para in-

fundirem terror na população e ficar o campo aberto á sua orgia de sangue. Em sua presença está um homem, que não teme o seu poder e só curva a cabeça perante Deus: fallo alto e firme, olho-o altivo e tranquillo, porque tenho uma consciencia pura, o que não acontece a todos, e o julgo meu igual, apesar do posto e das dragonas, que o decoram.

**MADEIRA.**

Insolente! . . .

**LUIZ.**

E' inutil e arriscado o insulto! Quem não treme, tem a mão firme para repellir a aggressão. Com que fim veio a esta casa? Como se justifica a estada do governador das armas da provincia em casa do cabo de esquadra, seu ordenança? Que! Quando a segurança publica não pode estar mais comprometida; quando brasileiros e portuguezes espingardeam-se nas ruas; quando as casas são arrombadas, as familias insultadas, todos os respeitos humanos desacatados, é que o brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Mello vem requestar moças e preparar raptos?

**MADEIRA.**

Senhor! . . .

**LUIZ.**

Sabe V. Ex.<sup>a</sup> que a clausura da Lapa acaba de ser violada por seus soldados e que a veneravel abbadeça foi morta a baionetadas? Sabé, que o respeitavel José Daniel foi lançado por terra á couces de espingarda?



Sabe que nesta misera terra já nada falta a ser calçado e despedaçado pela gente, que se diz do seu partido?

MADEIRA.

E quem é o Sr., que se anima a fallar-me d'esse modo? Se excessos tem sido praticados pelos soldados e marinheiros, posso ser responsabilizado? Açulei por ventura a canalha? Fui eu quem amotinou parte da guarnição, quem desobedeceu as ordens de El-Rei, quem proclamou a insubordinação das tropas e desrespeito ás autoridades? Já vê que eu, o governador das armas, o general da guarnição, eu que tenho uma nomeação do rei, conferindo-me tão alto posto, sou bastante condescendente para lhe responder. Mas quero assim fazel-o, porque, como o Sr., entendo também que um homem devo patentear suas acções e intenções. Não, não sou o culpado do que se passa; deploro, como todos, que algumas cabeças desvairadas por loucas idéas tenham produzido esses lastimosos conflictos. Nada posso remediar: sou o general, o homem da lei, e a quem desobedece a ella devo forçal-o com a espada.

LUIZ.

A lei? E onde está a lei, Sr. general? Será por ventura lei reduzir um paiz inteiro á escravidão? Será por ventura lei deixar-nos nas trevas da ignorancia, porque os livros não podem entrar, porque as academias estão longe, porque o commercio com o estrangeiro é limitado e tornará talvez a ser defezo? Será por ven-

tura lei coartarem-nos todas as regalias de que, ainda ha pouco, gozavamos; porque o Brazil não deve passar de colonia? O fructo de nossos trabalhos, o ouro de nossas minas, as madeiras de nossas florestas, tudo deve ser da metropole, nada do paiz productor? E quando um principe magnanimo e progressista levanta um brado de liberdade, um governo reactor ha de cercear-lhe os meios de fazer a felicidade do povo, que o elegeu seu defensor perpetuo? A lei?... Onde está a lei, Sr. general Madeira? E quando o povo grita e agita as cadêas, que lhe roxciam os pulsos, chama-se a esse povo canalha.

MADEIRA.

Eu não o conheço; mas o que suas palavras indicam é que o Sr. pertence á seita revolucionaria, que se propaga no Brazil. Não preciso saber de seu nome, mas asseguro-lhe que terá brevemente noticias mi-nhas.

LUIZ.

Não se canse em procurar o meu nome, Sr. general; V. Ex.<sup>a</sup> o sabe, Portugal o conhece, o mundo não o ignora; eu me chamo o povo bahiano; porque, como eu, pensa essa população, que neste momento soffre todas as torturas do inferno. As palavras, que sahem de meus labios, revelam o pensamento de um povo heroico, que está sentindo no coração bater a hora extrema de seus padecimentos. V. Ex.<sup>a</sup> encontrar-me-á em toda parte.

MADEIRA *(ironicamente)*.

Estimo. Poupar-me-á o trabalho de o mandar procurar. *(Sahe.)*

LUIZ.

Vai, tigre sedento de sangue; vai, que o teu reinado e dos teus não ha de durar muito tempo. Os martyres de 1817 levantam-se de seu tumulo e inspiram ao povo, que os viu arcabuzar: são elles, esses espectros venerandos, que horrorizam as noites de insomniã dos delegados da tyrannia! É o padre Roma, que grita alarma! É o seu sangue generoso, que, derramado num torrão fertil, produz o rebentão, que será um dia a arvore da liberdade! Vai, tigre feroz, que cumpres uma missão ainda mais feroz: não és tu o culpado; culpado é o governo, que quer abafar os instinctos naturaes de um povo—a independencia e a liberdade—; que quer reduzir á escravidão o que de sua natureza é livre e, para isso, escolhe um ente apropriado à missão; elle calca as leis, affronta a justiça, tyranniza o povo, que importa? O paiz atraza-se, a moral perde-se, o sangue derrama-se, que importa? O pensamento director se satisfaz. Oh! Deus! Deus! Tua espada nunca deixou de cahir sobre a cabeça dos culpados, mas quantas vezes demora-se ella? *(Chamando)* Maria!... Maria!... Pobre innocente, a quem um miseravel quer vender, a quem um libidinoso quer comprar! Poderei eu salvar-te?...

SCENA 5.

Luiz e Maria.

MARIA.

Luiz, duvidei que fosse a tua voz, que eu ouvia. Que queres? Que fazes aqui na ausencia de meu tutor?

LUIZ.

Maria, estás convencida de que te amo?

MARIA.

Estou.

LUIZ.

Duvidas tu de minha honra?

MARIA.

Não: mas porque essas perguntas singulares?

LUIZ.

Vais sabel-o. Estás persuadida do que, quando eu exigir um passo arriscado, uma acção, que repugne até a teus sentimentos, é porque alguma razão suprema me dirige, algum motivo poderoso me guia?

MARIA *(cada vez mais surprehendida)*.

Sim, creio firmemente que me amas e que tudo farás para minha felicidade.

LUIZ.

Então não temos um momento a perder. Vem comigo, fujamos.

abysmos. (*Vozerias.*) Forem, minha amiga, vem, fiante de mim e nada temas. (*Vozerias muito proximas.*); Eil-os que chegam, podemos talvez somente escapar ás suas garras.

MARIA.

Vamos, Luiz. Deixa-me porém repetir uma oração, que minha mãe me ensinava, quando eu era menina; tu a sabes, tu me acompanharás. (*Ajoelham e cantam*).

Mãe do ceo, baixa teus olhos  
Cheios de extrema bondade  
Sobre a orfã desgraçada,  
Que te implora piedade.

Pobresinha, abandonada,  
Qual em negra serra a flor,  
Só de ti soccorro espera,  
Só tem fé no teu amor.

P'ra livral-a dos perigos  
Cobre-a de teu sacro véo,  
Acolhe a sua oração:  
Piedade, ó Mãe do ceo.

MARIA (*levantando-se*).

Agora estou prompta: vamos.

LUIZ.

E que Deus seja em nossa guarda! (*Vão a sahir pela E. B. mas recuam e sahem D. B. Entram pela E. B. soldados, marinheiros e paisanos, gritando simultaneamente: Eil-os! Eil-os! Fogo! Fogo! Não! Não! e no meio da grita cahe e panno.*)

**2.º ACTO.**

## PERSONAGENS.

---

O GENERAL LABATUT.

LUIZ.

MARIA.

ANDRÉ.

JERONYMO.

UM MAJOR.

SOLDADOS.

(A scena passa-se nas immediações do quartel general em Cangurungú no dia 21 de Maio de 1823.)

---

## ACTO II.

Bosque. A' E. os fundos da casa, que servia de quartel do general Labatut em Cangurungú. E' noite proxima á madrugada.

---

### SCENA I.

**Jeronymo só, de sentinella á porta do general.**

JERONYMO.

E' impossivel, que já não sejam seis horas! Estes diabos parece que fazem de proposito! Deixam horas e horas um pobre homem de sentinella e quando elles querem é que mandam render. Mas quem me mandou ser soldado? Eu não estava tão bem na minha venda da ladeira da praça? Aquelle maldito André, que veio me *atentar* com uns amaldiçoados com mil reis! Que dinheiro do diabo! (*Como que ouvindo rumor*) Eim! . . . Parece que ouvi. . . será o inimigo, que vem? . . . Santa Barbara virgem! . . . Quem vem lá? . . . Quem vem lá? . . . Não falla? . . . Oihe que atiro. . . Parece que não é ninguem, não. . . (*Tirando a caixa de rapé*) Nem ao menos tenho o meu rapésinho *pra* refrescar estas ventas! . . . (*Cheirando a caixa*) Quem não bebe

na taberna, folga nella. Tomara já que se acabe esta guerra do diabo! (*André tem entrado pé ante pé até agarral-o pelos hombros e dar-lhe um forte solavanco.*)

**SCENA 2.****Jeronymo e André.****ANDRÉ.**

Uh! (*gritando-lhe ao ouvido.*)

**JERONYMO** (*larga a arma, todo tremulo, e cahe de joelhos, dando um grito de terror.*)

Ai!

**ANDRÉ** (*rindo ás gargalhadas.*)

Ah! Que bello soldado! (*Ri cada vez mais.*) Que boa sentinella tem o general!

**JERONYMO** (*ainda atemorizado.*)

Ai! . . . Quem é? . . .

**ANDRÉ.**

Sou eu, compadre; André, o cabo André, o seu collega.

**JERONYMO.**

Ora, Sr. André, isto não são brinquedos! Vm. sabe que eu padeço dos nervos: e se me dêsse *uma coisa*, como havia de ser?

**ANDRÉ** (*tirando baforadas do cachimbo e cuspindo, como de costume.*)

O que, compadre? V. padece dos nervos? Que ner-

vos? Isto, que V. tem, é medo. Eu cá é outra cousa: não tenho medo nem de Deus, nem do diabo e tenho *dado mostras* disso!

**JERONYMO.**

Eu tenho ouvido fallar em Vm.

**ANDRÉ.**

Mas diga-me cá, compadre . . .

**JERONYMO.**

Logo vi que Vm. queria alguma cousa.

**ANDRÉ.**

E então? Parece-lhe, que eu, tendo tanto que fazer, hei de vir até aqui unicamente pelo prazer de ver a sua bonita figura?

**JERONYMO.**

Mas, compadre, diga-me cá, quando é que eu posso voltar *pra* minha venda?

**ANDRÉ** (*rindo.*)

Que venda, homem? Ora que ratão? Pois V. ainda se lembra disso? A venda já lhe levou S. Pedro . . .

**JERONYMO.**

O que? . . .

**ANDRÉ.**

Vamos ao que importa e deixemo-nos de asneiras. A Maricota já appareceu por aqui?

JERONYMO.

Ora, valha-me Deus! Quem tomaria conta della?

ANDRÉ.

Eim? Alguem tomou conta da Maricota? Que me diz, maldito? E eu aqui, ha tanto tempo, e V. sem nada dizer?

JERONYMO.

Fallo de minha venda.

ANDRÉ.

Ora, ao diabo a sua venda! Quem se lembra mais daquillo? Diga, viu por aqui Maricota, minha sobrinha?

JERONYMO (*sempre distrahido*).

Sim, sua sobrinha... não; Maricota... sim...

ANDRÉ (*tirando uma pistola*).

Vaucé quer engrajar-se? Sim ou não? Viu ou não viu a Maricota?

JERONYMO (*que estremeceu ao ver a pistola apontada para elle*).

Não, não vi. Arrede *pra* lá essa sujeita: é desen-ganar, não nasci *pra* isto. Não sei o que sinto, quando vejo a boca de uma arma virada *pras* minhas bandas.

ANDRÉ (*rindo*).

Ora, que poltrão!

JERONYMO.

Compadre, Vm. não ouviu mecher nas folhas *pr'a-*quellas bandas?

ANDRÉ (*meio atrapalhado*).

O que? Mecheram no mato? V. está certo?

JERONYMO.

Homem, eu parece...

ANDRÉ (*aproximando-se á porta do general*).

E' bom verificar...

JERONYMO.

Mas eu não posso sabir daqui. Vá Vm. que tem mais animo...

ANDRÉ.

Sim, não tem dúvida; mas não tenho obrigação, não me compete... (*querendo entrar na casa.*)

JERONYMO.

Compadre, na barraca do general não se entra.

ANDRÉ.

E então como hei de dizer a elle que ahi vem o inimigo?

JERONYMO.

Que inimigo?... Eim? Por onde?

ANDRÉ.

Pois V. não ouviu mecher no mato? Quem pode ser senão o inimigo, que está de emboscada?

JERONYMO.

Agora, juro que ouvi. . . Valha-me S. Jeronymo, meu patrono! Quem vem lá? . .

ANDRÉ.

Oh! diabo! *Pra* que fizeste barulho?

JERONYMO.

Quem vem lá? . . .

MARIA (*dentro*).

Camarada, Maria Quiteria de Jesus.

ANDRÉ.

Então? Não disse que não era nada? Eu logo vi que o inimigo não se *astrevia* a vir até aqui.

JERONYMO.

Compadre, Vm. quer saber uma cousa, que ha muito tempo me parece?

ANDRÉ.

Então que é?

JERONYMO.

Que Vm. ainda é mais medroso do que eu.

ANDRÉ.

*Vaucé* é um pedaço d'asno e se não fosse porque. . . eu lhe ensinaria a não fazer juizos temerarios.

**SCENA 3.**

**Os mesmos e Maria.**

MARIA (*veste calça por baixo de uma saiote branco, que desce até os joelhos, farda com divisas de alferes, espada, banda e um bonet de galão. Sorrindo á Jeronymo*).

Que bella sentinella, Sr. Jeronymo! Os inimigos tinham tempo de chegar dez vezes ao quartel general antes que o Sr. percebesse que se approximavam.

JERONYMO (*que faz-lhe continencia, perfilando a arma e tirando o bonet*).

Não, menina Maricota. . . perdoe, quero dizer, Sr. Alferes, eu já tinha sentido, mas aqui o compadre é que. . .

ANDRÉ.

Ora, que máo costume este seu de sempre se desculpar commigo? Nem me deixa fallar á minha Maricota! Deus te abençoe, sobrinha, então como vai isso? Como está teu marido?

MARIA.

Adeus, meu tio, nós passamos, como é possivel.

ANDRÉ.

Então elle ainda *stá* muito *azangado* commigo? Não sei quem lhe metteu *caraminholas* na cabeça, que não me quer ver. Palavra de André Sansão, que não tem razão. Ha cousas que só vistas! Ora, persuadir-se elle que eu. . .

MARIA (*um pouco contrafeita*).

Não fallemos nisso, meu tio.

ANDRÉ (*chegando-se a ella*).

Então, aquillo?... E' hoje?...

MARIA.

Creio, que sim. O general mandou me chamar e creio que será para dar-me as ultimas ordens. Mas tome cuidado, meu tio; vá esperar-me na baixa do engenho da Conceição, para que Luiz não o veja acompanhar-me, se não, oppor-se-á formalmente.

ANDRÉ.

E porque?

MARIA.

Diz elle que Vmc. é espião do Madeira e que não tarda que o vejamos.

ANDRÉ.

Santo Breve da Marca! Quem lhe disse semelhante falsidade? Olha, juro que...

MARIA.

Não jure, meu tio, porque quadra mal em um homem qualquer e muito mais em um militar. Apesar das prevenções de meu marido, fio-me de Vmc. e, por isso, irei á cidade em sua companhia.

ANDRÉ (*á parte*).

Arre, diabo! custou!..

MARIA.

Vou fallar ao general e antes do romper da manhã partiremos.

ANDRÉ.

Espera que eu vou dar parte... (*como querendo entrar em casa do general*).

JERONIMO.

Compadre, já lhe disse que Vmc. não póde entrar.

ANDRÉ.

Ora, adeus!..

MARIA.

E' necessario respeitar as ordens, meu tio, e Vmc. (*sorrindo*) que é soldado velho, não deve dar mãos exemplos aos recrutas,

ANDRÉ.

Tens razão, menina.

MARIA (*a Jeronymo*).

E eu posso entrar?

JERONYMO.

Lá a Sra. Marico... O Sr. Alferes é outro fallar. Tenho ordem de deixar entrar.

MARIA.

Então até logo. (*Entra*).



ANDRÉ.

Finalmente, amigo Jeronymo, vamos gozar do fructo dos nossos trabalhos.

JERONYMO.

Que fructo?

ANDRÉ.

Ora, compadré, Vmc. está cada vez mais besta; perdoe este tratamento amigavel. Não entende que vamos ganhar a grande recompensa, que o general prometeu?

JERONYMO.

Que general? O Labatut prometeu alguma recompensa? Porque?...

ANDRÉ.

Qual Labatut, nem meio Labatut. Esse animal de francez é lá meu general!

JERONYMO.

Eu é que não lhe entendo! Vmc. ás vezes chama os brasileiros inimigos, outras vezes é aos portuguezes; eu nem sei como Vmc. não se atrapalha.

ANDRÉ.

O general, o meu general, entenda agora, compadre, é o grande homem, o Madeira; o mais é uma canalha, com quem não quero negocios. Mas ouça, compadre, porque tenho pressa. Eu parto com Maria; já tenho tudo prevenido para ella ser presa, quando

passarmos pelas linhas do Areal. Não sou tão tolo que cá volte. Ella vai para o quartel do general e eu... eu cá... ora advinhe!

JERONYMO.

Qual adevinhe! Nunca fui feiticeiro.

ANDRÉ.

Eu cá vou amarrar a bandinha de alferes! Ah! diabo! que *bichas* que hei de fazer com as raparigas! Mas vamos ao que importa. Eu cá não volto, já disse, senão o *melcatrefe* do meu sobrinho torto é bem capaz de me enganar, isto, já se sabe, só á traição, mas emfim é bom evitar... V. fica e então ha de nos dar noticia de tudo que se passa.

JERONYMO.

Valha-me Deos! Mas a minha venda!... Ora, quem me mandou metter em politica... Vm. bem podia falar ao Madeira.

ANDRÉ (*em ar de importancia*).

Deixe estar que eu cuidarei de seu futuro. Adeus. V. sabe, como estes negocios se arranjam. Até a primeira. (*Vai-se.*)

JERONYMO.

Mas, compadre, a minha venda!... Qual! o maldito já bate longe. Ora, valha-me S. Jeronymo, meu patrono! Nem ao menos me deu o bote de rapé, que me tinha promettido (*cheirando a caixa.*) Era um consólo! O que ha de ser de mim? Ai! que ahi vem o

Labatut! Cruz! Tenho um medo delle, que me péllor: elle não *cozila pra* mandar fuzilar um christão. Estes *arrenegados* não tem entranhas!

**SCENA 4.**

**Jeronymo, Maria e Labatut, que sahem de casa.**

LABATUT (*parando junto de Jeronymo, que faz mal a continencia, endireita-lhe a arma.*)

Pareço que nada tens aprendido no exercicio?

JERONYMO.

Saberá *Vossincellencia* . . .

LABATUT.

O que sei é que não sabes pegar numa arma e que se outra vez te acontecer o mesmo, mando castigar-te severamente. (*Dá-lhe as costas e conversa com Maria.*) A senhora largará esse traje, que não havia de recommendal-a muito ao exercito inimigo. Introduzida na cidade, que seja, mande chamar ou procure, como lhe parecer melhor, as pessoas, cujos nomes lhe indiquei, faça espalhar as proclamações por toda parte e muito conveniente seria que alguma apparecesse na sala do proprio Madeira. Com recompensa mais avultada talvez se consiga de um criado ou ordenança.

MARIA.

Cumprirei exactamente as ordens de V. Ex.

LABATUT.

Será tambem conveniente conversar com alguém sobre o estado dos negocios, exagerando sempre, está entendido, o bem que correm elles em Pirajá e as nehumas esperanças, que restam ao general Madeira de conservar-se na cidade etc. etc. Não cessarei de recommendar-lhe muito cuidado, não só porque a sua vida periga, como tambem porque falharia o effeito, que espero, produzam essas proclamações e o mais que lhe disse.

MARIA.

Eu farei quanto estiver de minha parte.

LABATUT.

Sabe ainda que tenho grande interesse em apressar o ataque geral á praça, porque não sei se por muito tempo conservarei o exercito na devida ordem, havendo, como ha, tantos elementos de insubordinação e indisciplina.

MARIA.

A prisão do coronel Felisberto Gomes Caldeira talvez sanasse tudo e desaparecesse qualquer germen de mal, que existisse.

LABATUT.

Quem sabe? Não me fio muito no resultado e com-migo pensa Cambuci do Valle. Todavia, julgo que, a haver alguma cousa, promptamente se suffocará. Nesse sentido já dei as necessarias ordens. Está a Sra. de tudo inteirada: a madrugada não tarda a apparecer.

(*Dando-lhe a mão a apertar*) Seja feliz e esteja certa de que S. M. I. que já galardãoou os seus serviços, não deixará de recompensar mais este, que é na realidade importantíssimo.

MARIA.

A minha recompensa está na convicção, que tenho, de que concorro para a independencia de minha patria. Vou montar a cavallo para chegar ainda com o escuro ás proximidades das linhas inimigas. Ahi me aparei e farei voltar os animaes.

LABATUT.

Oxalá pensassem e procedessem todos assim! Adeus, minha senhora (*entra em casa*).

MARIA.

Deus me ajude, porque arriscada é a empreza. (*Meditando*) Eu devia communicar a Luiz que ia com meu tio. . . mas estou certa de que reprovaria e então ficava eu privada dos recursos, que posso delle tirar. Em fim está feito e é tempe de partir. (*Faz um movimento para sahir*).

JERONYMO.

Sra. D. Maricota?

MARIA (*Reparando nelle*).

Oh! Sr. Jeronymo, ainda está de sentinella? Então como vai se dando com a sua nova vida?

JERONYMO.

Deixe-me! Diabos a levem e mais quem me meteu nella.

MARIA (*rindo*).

Ora, não tem razão! Ainda hei de vel-o general.

JERONYMO.

Qual general! Tomára me ver livre de toda esta *geringonça*. O que mais me martyriza é não ter nem uma pitadinha de rapé para refrescar este desgraçado nariz! E que me diz aos bichos? Olhe, Sra. Maria, nos domingos é que passo revista aos pés; sem exaggeração cada cabeça de dedo é um sacco delles: até ja tirei um no canto da bôca.

MARIA (*rindo-se*).

Sr. Jeronymo, o Sr. é impagavel! Mas eu estou perdendo tempo e as horas vão passando. Adeus. (*Sahe.*)

JEROEYMO.

Adeus, Sra. Maricota. Não ha nada como aquillo; passa á larga e o pobre de mim, coitado! soffrendo dellas e dellas. Porém quem mais vive, mais vê! Quem é que já viu mulher meia vestida de homem feita Alferes! Eu é que nunca hei de chegar a cabo de esquadra! . . .

## SCENA 5.

**Jeronymo e Luiz com farda e divisas de capitão.**

LUIZ (*que entra um pouco apressado*).

Meu camarada... Oh Sr. Jeronymo!... Pode-se fallar ao general?

JERONYMO.

Valha-me Deus! Sr. capitão Luiz, por onde é que *Vosseoria* entrou?

LUIZ.

Não se trata disso. Quero fallar ao general.

JERONYMO (*tomando a porta*).

Acuda-me, S. Jeronymo, meu patrono! *Vosseoria* não sabe que estou de sentinella e devo saber donde vem as pessoas, porque não posso deixar chegar ninguem sem gritar—quem vem lá? E eu não gritei, quando *Vosseoria* appareceu.

LUIZ.

Sr. Jeronymo, comprehenda que eu necessito fallar com urgencia ao general.

JERONYMO.

Eu tenho ordem para não deixar entrar ninguem, menos *sinhó* alferes Maricota. Elle... ella já veio e agora não entra mais ninguem.

LUIZ.

Maria? Maria está com o general?

## JERONYMO.

Não, Sr., já foi-se embora.

LUIZ.

Que contrariedade! Em summa, quero fallar ao general (*querendo entrar*).

JERONYMO (*apresentando-lhe a baioneta*).

Peior é esta! Já disse que não entra.

LUIZ (*lançando a mão aos copos da espada*).

Miseravel!

## SCENA 6.

**Jeronymo, Luiz e Labatut.**

LABATUT (*dentro*).

Que ha de novo, Sr. capitão? (*Jeronymo perfila-se e faz a continencia o melhor que pode: Luiz leva a mão á pala do bonet.*)

LUIZ.

Desejava fallar á V. Ex.<sup>a</sup> e a sentinella impediu-me a passagem.

JERONYMO.

*Vossincellencia* bem sabe...

LABATUT (*sahindo*).

Cala-te. (*Descendo á scena com Luiz.*) O soldado cumpria a ordem e não é um official, que devia querer forçal-o a faltar a ella.

LUIZ.

O motivo, que me traz aqui, é tão urgente, Sr. general, que desculpa esta pequena falta, que, reconheço, commetti.

LABATUT.

Não fallemos mais em tal. O Sr. é um official bravo, tem prestado bons serviços ao paiz e, assim, aprecio-o sobremaneira. Que ha?

LUIZ.

Venho informar á V. Ex. que vão verificar-se os boatos, que corriam acerca da sedição.

LABATUT.

Creio que as ordens ultimamente expedidas produzirão o necessario effeito. A prisão, feita hontem, do coronel Felisberto Gomes ha de ter aterrado os sediciosos; mandei hoje que o major Antonio Cardoso Pereira de Mello assumisse o commando da artilharia, cujo commandante chamei ao quartel-general e pretendo fazel-o prender. Ordenei ao coronel Lima e Silva, com quem estou nas melhores relações, que marchasse com o seu batalhão ás Armações: em poucas horas irei em pessoa á frente da cavallaria á Itapoã e ahi de combinação, elle por um lado e eu por outro, suffocaremos os revoltosos. São actos estes de extrema energia, de extrema severidade talvez, mas assim se faz preciso. Sem disciplina e subordinação não ha exercito possivel. Eu cheguei tarde, quando já os coroneis e commandantes dos corpos

haviam tomado sobrada influencia e, por tanto, difficilmente sujeitam-se agora ao commando superior do um general em chefe. Alem disso, meu caro capitão, confesso-lhe, porque sou seu amigo e confio no seu character, o meu maior mal é ser estrangeiro. Em uma guerra de independencia nacional, em que o patriotismo é, senão a primeira das virtudes, ao menos, o primeiro dos deveres, os generaes devem de ser filhos do paiz; ao contrario, ha de lhes acontecer o mesmo que a mim; as suas intenções serão deturpadas, suas palavras mal interpretadas, suas acções invertidas, suas ordens desobedecidas. Mas eu hei de sustentar o posto, que me deu a confiança do imperador. Querem revoltar-se, tanto peor para elles! Heide esmagal-os um a um, ou elles me esmagarão a mim.

LUIZ.

A Deus e ao imperador é que V. Ex. tem de dar contas de seu procedimento; mas, entretanto, é necessario obrar e nunca mais precisa se fez a resolução prompta e a energia. As cousas estão mais adiantadas do que V. Ex. pensa talvez e é do que venho fazer-lhe sciente. Houve hoje uma reunião no acampamento de Pirajá de todos os officiaes das brigadas do centro e direita, a convite do tenente-coronel José de Barros Falcão de Lacerda e do coronel José Joaquim de Lima e Silva. Este communicou a ordem, que de V. Ex. recebera e que me acaba de referir, e como julgasse que ella iria accender a guerra civil entre os brasileiros, quando precisamos da maior

concordia e harmonia, propunha á votação dos officiaes o que se deveria de fazer. Seguiu-se a discussão e foi unanimemente decidida que uma deputação fosse dirigida a V. Ex. a representar acerca de certos pontos longamente desenvolvidos. Nestes entretimentos chegaram dous officiaes das Armações, noticiando que a brigada da esquerda resolvera a deposição de V. Ex.<sup>a</sup>

LABATUT.

Assistiu a essa reunião, capitão? Ouviu o que acaba de referir?

LUIZ.

De certo que não, Sr. general; porque se houvera accettato o convite feito; se houvera assistido á resolução tomada, estaria representando neste momento o mais desgraçado, o mais miseravel papel; eu seria mais do que um denunciante, eu seria um traidor. Sei o que tive a honra de dizer á V. Ex. de uma testemunha auricular, que casualmente ficára na sala contigua á do conselho, donde não podera sahir.

LABATUT (*cruzando os braços*).

Que homens! Que patriotas! Que soldados! E não calculam elles o perigosissimo exemplo, que dão com tão horrivel sedição? Não se lembram de que hoje sou eu deposto, amanhã será o meu successor preso, que o terceiro será assassinado pela soldadesca desenfreada? A questão não é commigo, não é com Labatut, é com o general em chefe do exercito, é com a autoridade, é questão de principios e de ordem publica. Elles

plantam a insubordinação, mas desde já preparem-se a ser um dia victimas della. Não pôde medrar, nem dar bons fructos á arvore, que leva a podridão na raiz. Pobre Brazil!

LUIZ.

A occasião não é de lamentar o futuro, Sr. general. perdoe-me V. Ex.<sup>a</sup> a franqueza, é de obrar com energia. Quando parti de Pirajá, ainda nada se tinha feito, acabava apenas a reunião: assim, é natural que estejam a resolver a maneira, por que o acto asentado terá lugar. A's vezes uma acção vigorosa, uma prova de coragem são sufficientes para casos semelhantes. Monte V. Ex.<sup>a</sup> a cavallo, apresente-se aos revoltosos, falle-lhes e estou persuadido de que todos os soldados ficarão firmes nas fileiras.

LABATUT.

Não, não me arredarei daqui. Que venham, que me arranquem o bastão, que me entregou o imperador, que se aproveitem os chefes indisciplinados de soldados sediciosos deste mando, que tanto ambicionam! Estou cansado de lutar. Fiz o que pude e se morrer, comparecerei diante de Deus livre de pena e culpa.

LUIZ.

Desculpe-me V. Ex. ainda uma vez, mas parece-me, que assim não deve de proceder. Aos generaes compete levar os soldados ao combate e contel-os no que ordenam a disciplina e a subordinação. Se o imperador entregou á V. Ex. o commando em tão

melindrosas circumstancias; se lhe delegou tão amplos poderes e o fez chefe do povo, que se bate por sua liberdade, é da rigorosa obrigação de V. Ex.<sup>a</sup> sustentar-se no posto, manter as vistas do governo, conduzir os brasileiros á victoria. Que fará um exercito sem chefe? A' noticia transmittida á cidade de que entre nós reina a discordia e a desharmonia, Madeira e os seus aproveitar-se-ão da conjunctura e vergonha será nossa sermos batidos depois de tantas vezes victoriosos.

LABATUT.

Pois sim; vamos para Pirajá. Suffocarei a sedição, punirei os rebeldes e escreverei para o Rio de Janeiro, pedindo a minha demissão. (*Vão ambos a entrar em casa e recuam á vista de um major, que sahe á frente de um piquete. Um cabo toma sem resistencia a arma de Jeronymo e colloca outra sentinella em seu lugar. O resto do piquete forma-se ao F. O major avança para a frente da scena e dirige-se ao general.*)

**SCENA 7.**

**Os mesmos e um major de artilharia, seguido de um piquete, composto de soldados de varios corpos.**

LABATUT.

Que quer isto dizer, Sr. major?

MAJOR.

Os officiaes e praças da brigada da esquerda, considerando os males, que tem causado a todo exercito o ominoso commando do Sr. brigadeiro Labatut, e principalmente doidos pela injusta prisão do seu illustre commandante o Sr. coronel Felisberto Gomes Caldeira, tomaram a resolução de prender o Sr. brigadeiro e a seu secretario José Maria Cambuci do Valle.

LABATUT (*sorrindo*).

E o executor é. . . .

MAJOR.

Fui eu o incumbido de cumprir esta honrosa commissão.

LABATUT (*sorrindo sarcasticamente*).

E foi V. S. perfeitamente escolhido.

MAJOR.

Eu sou um soldado e, quer nesta, quer em outra occasião, procedo conforme as ordens, que recebo dos chefes, que julgo mais amigos do paiz e mais uteis ao seu serviço.

LUIZ (*exaltando-se*).

O Sr. é um soldado, que falta ao seu juramento, porque falta á obediencia a seus chefes. O soldado, que ama a seu paiz, não se subleva, não se encarrega da horrivel missão de prender o seu general. E' no acampamento, tendo em frente o inimigo, quando o Brazil reclama de seus filhos toda união para ter mui-

ta força; todo o sangue para conquistar a sua liberdade, que se dá o fatal exemplo da mais perigosa insubordinação! E ha coroneis, ha officiaes, ha quem se vanglorie disso! (*A Labatut*) Sr. general, se é a hora de morrer, tem um official a seo lado, cuja espada só se tem manchado do sangue inimigo.

LABATUT.

Meu amigo!

MAJOR (*levando a mão aos copos da espada.*)

Sr. capitão! (*Luiz faz o mesmo gesto, Labatut interpõe-se.*)

LABATUT (*estendendo a mão a Luiz*)

Meu amigo, tenho recebido demasiadas provas de sua amizade e dedicação e esta vem cumular-me. Tranquillize-se e lembre-se de que o Brazil precisa de soldados da sua tempera. (*Um soldado, que entra apressadamente, dirige-se a Luiz e falla-lhe.*)

### SCENA 8.

**Os mesmos e um soldado.**

SOLDADO.

Sr. capitão, acaba de espalhar-se no acampamento a noticia de que a Sra. D. Maria foi presa, ao approximar-se das linhas do Areal, por uma partida inimiga, que se achava emboscada, sendo ferido um dos camaradas, que a acompanhavam e que poude, ainda assim, escapar-se pela ligeireza do seu cavallo.

LUIZ (*curvando a cabeça*).

Minha pobre Maria!

LABATUT.

Todas as dores vem a um tempo, meu amigo!

MAJOR.

Sr. brigadeiro! . . .

LABATUT (*olhando-o sobranceiramente*).

Tem muita pressa, Sr. major? Póde dizer onde é a minha prisão?

MAJOR.

Será provisoriamente no quartel-general.

LABATUT.

Marchemos; mas fiquem certos os rebeldes de que a historia ha de registrar este crime, estigmatizando os perpetradores; e creia-me, Sr. major, que o general da independencia do Brazil ha de ser sempre Labatut, seja quem for que me succeda: a posteridade o dirá. Pelo que me respeita, a minha missão está cumprida e queira a Providencia, que o autor ou causador principal deste nefando acontecimento não seja um dia victima, ainda mais infeliz do que eu, do horroroso exemplo, que acaba de dar. Partamos.

LUIZ (*levantando os olhos ao ceo*).

Roma! Roma! Exponho minha vida a todos os mo-



mentos, acabo de sacrificar minha mulher; terei cumprido meu juramento? Estarás tu satisfeito? . . . (*Labatut dirige-se ao quartel-general, seguido do major; Luiz fica de braços cruzados e cabeça baixa. Cahe o panno.*)

**3.º ACTO.**

## PERSONAGENS.

O GENERAL MADEIRA.  
LUIZ.  
ANDRÉ.  
JERONYMO.  
MARIA.

(A scena passa-se no dia 2 de Julho de 1823.)

## ACTO III.

Sala na casa da intendencia no arsenal de marinha. Janellas á E., que dão para o caes do embarque; portas ao F., dando para um terraço com vista para o mar, e á D. communicando para o interior. Mesas, cadeiras etc. Luzes. E' madrugada.

### SCENA I.

Madeira, só.

MADEIRA (*sentado a uma mesa meditativo e sombrio. Traja calça de panno e sobrecasaca militar sem bordados, nem distinctivos: tem a espada e o chapéo armado sobre outra mesa proxima.*)

Está tudo concluido! Planos de ambição, sonhos de gloria voaram, desapareceram, como estas sombras vão desaparecer aos primeiros albores do dia, que não tarda a raiar! Tudo passou e só resta a terrivel realidade do presente, cujas consequencias futuras não posso prever! Illudi as ordens do rei, obedeci ás côrtes, bati-me contra o imperador, o resultado é a mais vergonhosa retirada! Fatalidade! (*levanta-se.*) Açulei o povo, desenfreei a soldadesca, combati o exercito imperial e tive a dor de ver tão vi-

gorosos instrumentos partirem-se em minhas mãos! Parecia que um genio malefico seguia-me as pegadas e com seus dedos amaldiçoados desfazia meus projectos, transtornava meus planos, mareava e sumia minhas mais douradas, mais viçosas esperanças! Finalmente, eu, o homem forte, o coração indomavel, amei uma mulher, fiz della a virgom de minhas adorações e essa mulher amou outro homem e desdenhosamente cuspiu em meu amor! Sou de certo um ente maldito! Mandeí raptal-a, era já a esposa do rival preferido, commetti, por tanto, um crime; rojei-me a seus pés, curvei diante della a cabeça, que sempre se conservou levantada para todos, e ella voltou-me o rosto e confiou sua honra á guarda de um punhal! Deus! Deus! Quantas dores tendes amontoado em meu peito! Mas é necessario partir e o tempo corre! Malaventurada hora, em que deixei Portugal!.. (*Passeia agitado*).

### SCENA 2.

Madeira e André.

ANDRÉ.

Meu general!

MADEIRA.

Que queres, André?

ANDRÉ.

Com o devido respeito, como *Vossincellencia* me disse, que o acordasse antes de romper o dia, eu vinha

ter a honra... mas *Vossincellencia* parece que não pregou olho.

MADEIRA.

Não pude dormir, mas daqui a pouco tomarei algum descanso.

ANDRÉ.

Olhe, meu general, isto não é bom. Trabalhando tanto, se afadigando como *Vossincellencia* se afadiga, pode cahir n'alguna *tisga*. Tome cuidado...

MADEIRA.

Dize-me: fallaste a Maria? Está disposta seguir-me para Portugal?

ANDRÉ (*á parte*).

Tão tolo não era eu! (*Alto*) Eu mesmo não sei dizer á *Vossincellencia*. Fallei, sim Sr., mas a rapariga tem umas ideas, que não sei, onde foi buscar...

MADEIRA.

Mas em fim o que diz? Que ideas são estas?

ANDRÉ (*coçando a orelha*).

Eu sei, meu general... Ella tem cousas...

MADEIRA (*impacientando-se*).

Pois dize... falla.

ANDRÉ.

Essa é boa, meu general, fallo; ella diz que... el-

la... sim... ella diz que o marido fica cá... que se *Vossincellencia*... que mais *pra* diante...

MADEIRA.

Ouve. Não dizes cousa, que se entenda, e eu necessario de uma resposta decisiva, porque não tarda a ouvir-se o tiro para o embarque. Pede-lhe que chegue a esta sala, que eu lhe quero fallar. Entretanto, vou dar algumas ordens no arsenal e já volto. (*Salhe pelo F.*)

ANDRÉ.

Pois não! Não vê que eu cahia nessa! Quando o negocio está apertado, é que eu ia me metter em novas *alhadas*! Está arranjado! O trabalho, que tem-me custado *pra* metter na cabeça della que eu tambem estou prisioneiro e que, se não fui fuzilado, foi porque elle tem medo de lhe desagradar!... Está aviado! Como me hei de agora arranjar?... Se descobrirem a historia, estou fresco! Mas, qual! Principio a dar *vivas* ao Lima e *morras* ao Madeira, que ha de ser um gosto! Por causa das duvidas enfiei-me nesta fardeta de baêta verde, que não quer dizer nada, e a minha farda de cavallaria dei-lhe tal sumiço que eu mesmo nem sei della. (*Escutando*) Ahi vem alguém! Oh! com os diabos! se é o general... Não; felizmente é a *cuja*.

SCENA 3.

Maria e André.

MARIA (*traja vestido escuro de fazenda grosseira: traz uma cinta de couro, onde se vê um pequeno punhal atravessado*).

Pouco póde tardar a hora da minha liberdade! Oh! Luiz! Luiz! (*Chegando-se a uma janella*) A tropa está formada para o embarque: quanto povo vem assistir a esse espectaculo de um general, que foge, sem ter dado a ultima batalha! Entretanto, ainda não rompeu o dia e nessa occasião é que...

ANDRÉ (*a quem ella não vira ao entrar*).

Sobrinha Mariquinhas, então está de mal com seu tio velho, seu amigo, que lhe criou...

MARIA (*voltando-se desdenhosamente*).

E que me quiz vender....

ANDRÉ.

Valha-me a cabeça de Santo Anastacio! Por mais que lhe diga, V. não quer acreditar. Vi-me em *berolas* e se não fosse este arrnegado deste Madeira ter medo que V. se zangasso, ha muito tempo que eu estava uo fuzil. Olhe, por Deus nosso Senhor! que eu tambem cahi prisioneiro.

MARIA.

Basta. Deus, que está no ceo e a todos nos julgará um dia, é que o hade punir: quanto a mim já lhe perdoei.

## ANDRÉ.

Mas eu ainda tinha que lhe pedir uma cousa. V. sabe, sobrinha do meu coração, que seu marido tem um genio dos diabos, briga por qualquer cousa, enfim é um homem das *carepas*. Ora, se V. for lhe dizer que desconfia que eu... sim... que eu é que arranjei a tal *enriosca*, é capaz de se zangar, e adeus minhas encomendas!... Não, que eu tenha medo, salve Deus tal lugar... mas é que... é que é feio...entre parentes... entre brasileiros... porque eu cá sou brasileiro, não quero nada com esta canalha, que a leve S. Pedro que eu cá fico com a minha gente.

MARIA (*sorrindo*).

Em réalidade o genio de meu marido seria forte para o infame, que elle suscitasse de ter querido vender a honra de sua mulher. Porém eu me calarei debaixo de uma condição.

ANDRÉ (*quasi a pular de contente*).

Qual é, qual é, sobrinha de minhas entranhas? Palavra de André Sansão que hei de cumprir a condição, seja qual for.

MARIA.

O Sr. André nunca mais apparecerá diante de meus olhos, nem dirá a alguém que eu tenho a desgraça de ser sua sobrinha. No dia, em que me constar que quebrou o silencio, que lhe imponho, nesse dia farei de tudo sciente a meu marido e o incitarei a vingar o ultraje a mim e a elle feito.

ANDRÉ (*fingindo que chora e limpando os olhos*).

Isto me custa muito, porque lhe tenho muito amor, sobrinha dos meus olhos, mas já que V. me obriga a isso e eu lhe dei minha palavra, esteja socegada, que eu nem boquejo. Mas torno a dizer que me custa muito, porque eu sou seu amigo e sempre me hei de lembrar que sua mãe, quando morreu, lhe entregou a mim.

MARIA.

Minha mãe! Nem mais profira o nome della, porque o profanaria. Minha pobre mãe! Morrendo, pensou ella, que em melhores mãos não poderia depositar o fructo do seu seio do que nas de seu irmão. Mas que aconteceu? Esse ente baixo e vil educou a criança innocentinha, já calculando o uso, que della faria. Chegou a occasião. Um homem, desses, que a sociedade corteja, que o rei condecóra, que a prosperidade afaga, abriu um cofre cheio de ouro e deslumbrou o desprezível mercador, que lhe prometeu entregar a donzella incauta, que tinha sob sua guarda. Deus porém mandou um seu enviado e a virgem foi salva. O plano infernal abortara, mas os demonios não se deram por satisfeitos. Nova armadilha se estende e agora é contra a esposa do homem honrado que se dirigem os tiros. Debalde! Deus velava por mim: O seductor poderoso não tarda a desapparecer desta terra, para cuja desgraça veio, e tu, miseravel escravo, vais sumir-te na lama, em que somente sabes viver.

ANDRÉ.

Que injustiça! (*á parte*) Se eu lhe pudesse puxar as orelhas em paga da descompostura!...

MARIA (*imperiosamente*).

Retire-se, Sr. André!

ANDRÉ.

Em fim já que assim o quer... Vou partido de saudades, mas que hei de fazer? (*á parte*) Felizmente ahí vem o general. (*Vai ao encontro de Madeira, que entra pelo F.*)

#### SCENA 4.

Os mesmos e Madeira.

ANDRÉ (*á parte a Madeira*).

Aperte com ella, meu general, apesar de que está levada de todos os diabos. (*Sahe*).

MADEIRA.

Minha Senhora!

MARIA (*ironicamente*).

Vem dirigir-me as suas despedidas, Sr. general em chefe?

MADEIRA.

Sim, Maria, venho, se não despedir-me, pelo menos, fallar-lhe pela ultima vez acerca do motivo, que tem feito de mim um objecto odioso á sua pessoa.

MARIA (*no mesmo tom*).

Admiro o seu sangue frio; verdade seja que é nas

ocasiões criticas, nos maiores perigos, que os homens superiores se mostram e ostentam a sua coragem.

MADEIRA.

Maria, no meio da desgraça, que me acabrunha, quando caio esmagado por esse immenso desmoronamento, não parla de seus labios um sarcasmo sangrento para augmentar a afflicção ao afflicto.

MARIA (*sempre ironicamente*).

Sim?... E' augmentar a afflicção do afflicto a ironia, com que a victima falla ao carrasco? (*Influindo-se gradualmente até perder o tom ironico pelo serio.*) E' augmentar a afflicção ao afflicto lembrar ao general fugitivo o exercito, que não soube commandar? O que seria, Sr. general, comprar a honra da donzella, que chorava na orfandade, receiosa dos perigos de sua vida futura? O que seria prender a esposa honesta, como se prende uma panthera na jaula, para que, perdendo a esperança de voltar ao esposo, que lamentava sua falta, se lançasse por vontade ou por força nos braços do poderoso carcereiro? O que seria tentar todos os meios, ainda os mais abjectos, para apoderar-se della, o que conseguiria talvez, se Deus a não protegesse e ella não confiasse a sua honra á lamina do seu punhal?

MADEIRA.

Perdão, Maria, perdão. Quanto maiores foram os esforços, que empreguei para conseguir o seu amor, tanto maior foi e será sempre o que lhe consagro. A

violencia da paixão não se manifesta nas palavras adocicadas do amante feliz; revela-se nos rugidos sobrehumanos, que lança o peito do homem desprezado. Sim, é uma verdade, lancei mão de todos os recursos, fui até onde ninguém deve de chegar, e só encontrei o seu desprezo, ou, finalmente, o seu punhal. Porém tudo vai acabar com a resposta, que lhe peço. Maria, eu amo-a apaixonadamente: foi o delírio treloucado de ardentíssima febre, que desgraçadamente me passou pela cabeça e desceu a arrebentar-me as fibras do coração. Não ha em mim uma ideia, um pensamento, um sorriso, uma lagrima, que lhe não pertençam. Por entre as commoções politicas, os trabalhos da guerra, a alluvião de negocios, que me recalçavam neste poste de martyrios, era sempre a sua imagem ridente, que me apparecia e me fazia descobrir uma estrella polar nos confins do horizonte annuviado. A razão tem de balde lutado e a prova é que ainda nesta occasião horrivel, em que tão pouco airoosamente me retiro diante do exercito imperial vencedor, agora que mil dores me torturam, eu esqueço tudo para neste instante solemnemente dizer-lhe ainda que amo. Ninguem acreditaria, si a historia registrasse em seus fastos, que o general Madeira, alem da vergonha da retirada, commetteu outra maior, fallando de amor a uma mulher, quando o exercito, que commandava, embarcava-se fugitivo.

MARIA.

Sr. general, se quanto contra mim tem praticado

foi a consequencia de um delírio ardentissimo, o fructo de uma loucura sem nome, esqueça, porque nas horas de felicidade, que, penso, me aguardam, eu procurarei suppor que tudo foi um pesadelo de noite de insomnia. Entre nós nunca houve, nem haverá nada de commum. Se a donzella inexperiente resistiu ás suas seducções e salvou-se de seus laços, a esposa fiel está de animo resolvido a procurar na morte o seguro de sua honra.

MADEIRA.

Maria, em poucas horas estarei longe da Bahia; chegando á Europa darei a minha demissão e iremos para qualquer recanto do mundo esconder a nossa felicidade. Quer seguir-me? Quer de um ente desgraçadissimo fazer o mais venturoso?

MARIA.

O Sr. é um homem infame!

MADEIRA (*avançando para ella*).

Maria! . . .

MARIA (*empunhando o punhal*).

Não se approxime, Sr. general, porque cahirei morta a seus pés no momento, em que me tócar:

MADEIRA (*no cumulo do desespero*).

Quem nunca viu homem mais infeliz do que eu!

## SCENA 5.

Os mesmos e André.

ANDRÉ (que pára á porta, fazendo a continencia).

Meu general!

MADEIRA (bruscamente).

Que queres?

ANDRÉ (á parte).

Parece que vim interromper alguma passagem interessante.

MADEIRA.

Então fallas?

ANDRÉ.

O commissario do general brasileiro pede licença para se apresentar á V. Ex.<sup>a</sup>

MADEIRA.

Vamos; a fatalidade assim o quer. (A' Maria) Minha Senhora...

MARIA (ironicamente).

Boa viagem, Sr. general. (Sahe.)

MADEIRA.

Dize-lhe que tenha a bondade de entrar e esperar-me um pouco. (Sahe.)

ANDRÉ (chamando para dentro).

Entre, compadre, entre, que já me tarda dar-lhe este abraço.

JERONYMO.

Gasta?... E a minha venda? Passou alguma vez por lá?

ANDRÉ.

Ora venha de lá essa pitada. Já tem seu rapésinho?... Todos os dias ia ver o nosso armazem. Mande pintal-o de novo: está, como um brinco..

JERONYMO (meio duvidoso).

Isto é serio?

ANDRÉ.

Ora! V. sabe, que quando fallo serio, é serio. Verá. (A' parte.) Os diabos me levem, se eu nunca me lembrei de semelhante bodega!

JERONYMO.

Hi! Nós conversando e o capitão á espera! Pode subir?

ANDRÉ.

Pode: elle que entre pra aqui.

JERONYMO.

Então adeus! (Vai a sahir).

ANDRÉ.

Olhe, compadre, não lhe diga que me viu. Quero apparecer de repente sem elle me esperar.

JERONYMO (rindo).

Sim, sim... entendo. (Sahe).



ANDRÉ.

Os cordões vão-se apertando e é necessário pôr-me ao fresco. Se o tal valdivinos me põe o olho em cima, o maior taco, que fica de mim, é o nariz. Passa fóra! Que não foi para isso que minha mãe me deitou no mundo. Cruz, diabo! Tanta bala perdida, que andou por ahí, e nenhuma pegou naquelle excommungado, que não fazia falta nenhuma... É verdade que eu podia *pirar-me* com o Madeira e ficava livre do susto... Mas não... o Brazil precisa de gente experimentada e eu posso fazer carreira, assim...

JERONYMO (*dentro*).

Por aqui, meu capitão.

ANDRÉ.

Ahi vem o amaldiçoado! Pernas *pra* que *te* tenho! (*Vai-se*).

## SCENA 7.

Luiz só.

LUIZ (*fallando para dentro*).

Faça prevenir ao general de que estou ás suas ordens e o Sr. espere-me á porta do arsenal. (*Avançando*) Eis-me, emfim, onde tanto desejava, mas o coração palpita-me insolitamente. Será o presagio de alguma desgraça? Maria, minha pobre e cara Maria, vou tornar a ver-te; vão renovar-se para nós aquelles dias de ventura, de que já gozamos, e agora nas delicias da paz, sem que venha um receio pertur-

bar a nossa tranquillidade! (*Ouve-se um tiro de artillaria ao longe*). E' naturalmente o signal do embarque. (*Chega á janella. Aparecem gradualmente os primeiros clarões do dia.*) Os soldados movem-se, chegam-se ao caes: não ha que duvidar.

## SCENA 8.

Luiz e Madeira.

MADEIRA (*pallido, agitado, pára por um instante á porta*).

Sempre este homem! Sempre esta figura sinistra diante de meus olhos! (*Approximando-se*) Sr. capitão!

LUIZ (*que ao ouvir a voz de Madeira estremece involuntariamente, volta-se para elle muito commovido*).

Sr. general!

MADEIRA.

Vem V. S. por parte do general brasileiro?

LUIZ.

Sim, Sr.; venho apresentar á V. Ex. este papel, em que estão as suas condições.

MADEIRA.

Tenha a bondade. (*Toma o papel e o lê á luz de uma vela*). « Responde o commandante em chefe do exercito pacificador, que tem todas as noticias da cidade, marcadas até por horas, de todos os passos da tropa inimiga e que, logo que saiba que esta principia a embarcar, pretende atacal-a, e neste

« momento romperá o fogo no mar: que se o general  
« inimigo deseja retirar-se tranquillamente, propo-  
« ponha uma capitulação, que será concertada en-  
« tre os commandantes de mar e terra de uma e ou-  
« tra parte contratantes.» Lima—Então V. S....?

LUIZ.

Eu estou encarregado de levar a resposta de V. Ex., devendo tambem por parte do Sr. coronel Lima e Silva prevenil-o de que o exercito está em marcha e só parará, ou, quando tomar os quartéis da cidade, ou, quando V. Ex. responder que quer tratar da capitulação.

MADEIRA (*sorrindo amargamente*).

A tropa brasileira tomará os seus quartéis da cidade, porque não encontrará quem se opponha á sua marcha. O tiro, que V. S. acaba de ouvir, foi o signal do embarque: dentro de meia hora o exercito portuguez estará a bordo dos navios, que o tem de conduzir. Eu não capitulo, Sr. capitão, por que sobravam-me ainda recursos para prolongar a luta e, em ultimo caso, haveria sempre lugar no campo para mais um soldado cabir morto. Os portuguezes deram em todos os tempos bastantes provas de sua coragem e valor.

LUIZ.

Não se faz injuria aos brios portuguezes demasia-  
damente conhecidos em muitos campos de batalha.  
Qualquer exercito pode capitular sem desdouro: os  
maiores generaes o tem feito,

MADEIRA (*despedindo-o*).

E' a resposta, que tenho para V. S. levar ao seu general.

LUIZ.

Terminando aqui a minha commissão, como parlamentar, tenho ainda outra toda particular e que deu causa a que pedisse o ser escolhido para vir ter com V. Ex.

MADEIRA (*um pouco sombrio*).

Sr. capitão, nem como official commissionado pelo general brasileiro, nem como homem particular, tem V. S. mais nada a tratar commigo. O que tenho unicamente a lhe dizer sobre o objecto delicado, de que naturalmente queria fallar-me, é que a sua honra não podia soffrer lesão e que a felicidade continuará a ser a sua partilha. (*Chegando a uma porta e apontando para dentro.*) Ei-la, Sr. capitão. (*Luiz lança-se para a porta com um grito de alegria, a que Maria responde de dentro com outro. Madeira toma a espada e o chapeo e sahe pelo F.*)

LUIZ.

Maria!

MARIA (*dentro*).

Luiz! (*Sahe e atiram-se nos braços um do outro*).

## SCENA 9.

Luiz e Maria.

MARIA.

Luiz! Luiz! Falla-me para eu acreditar na realidade do que se passa.

LUIZ.

Sim, sou eu, meu anjo idolatrado, eu que chorei a tua ausencia, a tua morte, mas que finalmente gózo a dita de tornar a possuir-te em meus braços. Quantas dores, quantas angustias havias de soffrer!... (*Fem clareado o dia*).

MARIA.

Mas tudo é compensado pelo prazer intenso, que nesta hora me suffoca. (*Rompe dentro o fogo de artilharia*). Luiz, Luiz, rompe o fogo, combate-se e nós lá temos um lugar de direito.

LUIZ.

Não, não é um combate; é lord Cochrane, que, fazendo fogo sobre a esquadra portugueza, firma com seus canhões a independencia do Brazil. Agora só nos resta correr adiante do exercito pacificador, entoando *vivas* ao dia 2 de Julho de 1823. (*Sahem abraçados pelo F. Cahe o panno*).

## EPILOGO.

## PERSONAGENS.

JOSÉ.  
ANDRÉ.  
JERONYMO.  
POVO, SOLDADOS, ETC.

(A scena passa-se no dia 2 de Julho de 185...)

## EPILOGO.

O theatro representa o Terreiro de Jesus. Ao F. a igreja da Ordem Terceira de S. Domingos: á D. mais ao longe o convento de S. Francisco com o grande cruzeiro de pedra na frente. No 1.º plano á E. a embocadura da rua das portas do Carmo: á D. o lado correspondente ao da dita praça. Por diante da igreja de S. Domingos eleva-se um elegante palanque avarandado, em cujo F. ha um throno e o retrato do imperador coberto por grandes cortinas verdes de franjas de ouro. Aos lados do palanque ha dous ricos pavilhões.

E' uma hora da tarde. O povo atravessa e enche a praça. Formam-se grupos, conversam etc. De quando em quando ouvem-se estouros de foguetes em distancia, que diminue gradualmente.

### SCENA 1.

André, Jeronymo, Povo.

1.º HOMEM.

Não póde tardar.

2.º HOMEM.

Já ouvi os foguetes do lado do Carmo. Está a chegar por instantes.

1.º HOMEM.

A festa deste anno tem sido de estrondo.

2.º HOMEM.

Não fazem nada de mais. Tudo é pouco. O dia dos bahianos merece tudo.

OUTROS.

E' verdade! Tudo é pouco.

1.º HOMEM.

E dizem que querem acabar com o festejo!

2.º HOMEM.

Ora qual! São mentiras, que inventam.

1.º HOMEM.

Qual mentira! O Sr. dirige-se a mim?

2.º HOMEM.

Se quer tomar comsigo...

OUTROS (*mettendo-se de per-meio*).

Então que é isso? Deixem-se de asneiras!

OUTROS.

No dia 2 de Julho não se briga.

2.º HOMEM.

Eu não fiz nada. E' o Sr. que ...

1.º HOMEM.

O Sr. é que disse que eu mentia...

2.º HOMEM.

Eu não...

ANDRÉ (*chegando-se*).

Que é lá isso, rapaziada? Leva de questão! (*André veste farda de sargento da antiga legião de caçadores. Tem a cabeça e o bigode quasi brancos*).

UM HOMEM.

Oh! Sr. sargento André!...

ANDRÉ.

Pois ha quem brigue no dia de hoje? No nosso dia, no dia da independencia? E' porque vocês não estiveram lá, não viram o bom e o bonito, senão haviam de fazer, como eu. Olhem para este peito: cá está a grande fita, que todos não tiveram e que ninguem mais ha de ter.

JERONYMO (*que tem observado André*).

Eu estou conhecendo aquelle Sr. sargento. (*Toma uma pitada*).

1.º HOMEM.

Então Vm. esteve em Pirajá?

ANDRÉ.

Pois não vê? (*Mostrando a fita*). Nesse tempo, sim, é que se brigava; hoje gozamos todos da independencia, que eu e outros fizemos. Que batalhas! Que de sangue!... Quantos mortos!...

JERONYMO.

E *vosseoria* Sr. sargento, viu tudo isso?

ANDRÉ (*á parte*).

Eu ja vi a cara deste patusco! (*Alto*) Se vi?... Ainda o Sr. pergunta? Estive na grande batalha de Pirajá, em que o general Madeira foi completamente batido; e se não fosse certo accidente, bem sei eu de uma pessoa, que já o tinha filado por uma das dragonas. . . .

JERONYMO (*tomando uma pitada*).

Essa pessoa naturalmente foi *vosseoria*?

ANDRÉ (*á parte*).

E que me dizem ao implicante? (*Alto*) Fui, sim senhor: então por que?... Eu era então de cavallaria. Quando o general largou a correr, eu *zás*. . . largo-me atraz d'elle; já o tinha agarrado pela dragona do hombro esquerdo, ainda me lembro, quando uma maldita balla matou-me o cavallo e eu cahi. Ainda trouxe na mão os caixos da dragona. Tenho-os guardadinhos em casa, posso mostrar.

JERONYMO (*tomando pitada*).

E o Madeira?

ANDRÉ.

O Sr. quer me moer a paciencia? . . .

JERONYMO (*offerecendo-lhe rapé*).

Gasta?

ANDRÉ (*á parte*).

Ai! que é o patife do Jeronymo!... (*Alto*) E eu que nunca mais tinha visto este animal! Ja não estou bem aqui.

JERONYMO.

Sr. sargento, *vossenhoria* que andou por estas guerras da independencia não conhecia um cabo de esquadra, que era ordenança do Madeira, chamado...

ANDRÉ (*á parte*).

Má vai ella! Tóca a retirar! (*Alto*.) Eu conheci lá essa canalha!... Rapaziada, vamos beber á saude do nosso grande dia—á saude do dia 2 de Julho! Uma pinga da patricia—Quem paga sou eu, velho soldado de Pirajá e do Funil. (*Retira-se com alguns, que o acompanham*).

JERONYMO (*tomando uma pitada e olhando para André, que sahe, e rindo*).

Este pobre André! . . . E' sempre o mesmo! . . . Conheci-o logo pela pinta. Ainda não mudou, nem na cara, nem na cabeça! Ha mais de trinta annos que o não via! . . . (*Confunde-se com a multidão*).

## SCENA 2.

Os mesmos e Luiz.

LUIZ (*velho, quebrado, cabellos e barbãas brancas. Veste farda de capitão, tendo no peito a medalha da independencia e a da Ordem do Cruzeiro*).

Será quiçá a ultima vez que venho saudar o an-

niversario perante o symbolo, que representa a grandiosa idéa! . . . Como tem as cousas mudado! (Piano *na orchestra*) Quem me dissera em 1823 que mais de trinta annos depois eu havia de pisar esta praça, velho, sem forças, com as mesmas divisas, com que então entrava, cheio de aspirações, coberto de gloria! . . . Eis a sorte dos soldados veteranos da patria! . . . Um ou outro subiu, engrandeceu-se, teve a recompensa de seu valor e seus serviços, mas o resto foi esquecido, reformado, sumiu-se, desapareceu! . . . Destinos dos homens! . . . Mas que me importa a mim o que fazem os governos? Servi a meu paiz, a recompensa está na acção. Desço ao sepulchro com a consciencia tranquilla, porque satisfiz o meu dever! . . . Vou encontrar o padre Roma, o martyr da liberdade, o heroe arcahuzado em 1817, a dar-lhe conta da missão, de que incumbiu-me. Cumpri-a. Quando foi necessario, derramei o meu sangue, esqueci a familia, só tive um pensamento—a independencia da patria! Estou satisfeito! (*Ouvem-se vivas dentro, que se repetem, aproximando-se*) Sim, applaudi, applaudi, que vossos vivas me chegam ao coração! Ha nessas manifestações de entusiasmo de um povo inteiro alguma cousa, que me cabe tambem, que me vai estremecer as fibras intimas do seio, que me recorda Pirajá e Cabrito, que me transporta aos antigos dias da luta. (*Novos vivas*) Sim, vinde, aproximai-vos, o velho soldado fez-se bardo, trocou a espada pela cythara e, como já não póde bater-se pela causa, quer ao menos cantal-a.

## SCENA 3.

Luliz, André e Jeronymo.

ANDRÉ (*entra cambaleando, com a farda meia desabotoada, rindo e conversando com Jeronymo.*)

Eu bem te conheci. . . mas estava assim sem me alembrar direito de teu nome. Então que é feito? . . . Parece que estás mais velho!

JERONYMO.

E então? Pois trinta e tantos annos em cima do lombo de um homem são de brinquedo?

ANDRÉ.

Em que te empregas?

JERONYMO.

Homem, eu não tenho emprego: isto não é para mim. Dou uns dinheirinhos a premio. . .

ANDRÉ.

Ah! brejeirão. . . e quanto ganhas nesse honrado officio?

JERONYMO.

Uma miseria, que não dá para o cozido: ganho dous vintens em pataca. . .

ANDRÉ.

O que, amigo Jeronymo? És sempre o mesmo! Olha, por menos tem muitos homens honrados ido para a cadeia por ladrões.

JERONYMO.

Ora não digas isso. É verdade, amigo André. Vm. ha de se lombrar, que daquella minha vendinha, que eu tinha na ladeira da praça, antes dos barulhos do Madeira, Vm. ficou ainda me devendo...

ANDRÉ (*rindo ás gargalhadas*).

O que, homem? Pois V. ainda se lembra destas cousas do tempo, em que Noé nasceu?

JERONYMO.

Ora espero... (*Toma uma pitada e offerece*) Gasta?

ANDRÉ.

Ha quarenta annos que lhe respondo que não.

JERONYMO (*tirando uma carteira da algibeira*).

Ora... o Sr. Antonio... não; Joaquim... tambem não... Ah! Ah! cá está, o Sr. André Sausão...

ANDRÉ.

Oh! amigo Jeronymo, se V. me massa a paciencia com a sua conta, eu grito aqui que V. foi do partido do Madeira e então ha de ver o que é bom. Se duvida... Rapaziada...

JERONYMO (*rindo parvamente, guarda á pressa a carteira e offerece-lhe rapé*).

Ora é boa!... Tome lá uma pitada, compadre André, estava cacoando com V. (*Vivas muito proximos*)

ANDRÉ.

Ah! gaiato! Rapaziada! Viva o dia 2 de Julho!

POVO.

Viva!

## SCENA 4.

**Os mesmos, povo, tropa etc.**

(*Entra o povo em barda, dando vivas ao dia 2 de Julho, e grande numero de cavalleiros, depois do que desfila do modo seguinte o prestito, que constitue uma parte do festejo feito ao anniversario da restauração da cidade de S. Salvador, da Bahia:*

(*Rompe a marcha a cavallaria de caixeiros nationaes com clarim á frente; seguem-se dous elegantes carros á antiga sobre o primeiao dos quaes levanta-se um caboclo, pisando um dragão, tendo na mão direita uma flecha, com que fere o animal, e na esquerda a bandeira brazileira; e sobre o outro uma cabocla, que traz na mão direita uma bandeira e na esquerda um papel, em que se lê—Independencia, Liberdade ou Morte—: o primeiro é puzado por caixeiros e o segundo por povo indistincto. Immediatamente aos carros marcha o batalhão dos caixeiros com muzica e bandeira e atraz deste a guarda nacional e a tropa de primeira linha. Grande concurso de gente de todas as classes, sexos e idades segue o prestito.*

(*Ao entrar no Terreiro o carro do caboclo é collocado no pavilhão da D. do palanque e o da cabocla no da E. A tropa fôrma em parada e o batalhão dos caixeiros com a sua cavallaria á D. fôrma, dando a*



*E. ao carro do caboclo. Continencia ao terreno, mu-  
zica etc. Em quanto desfila o prestito, soam os vivas,  
sobem foguetes, as janellas apinham-se de gente, lan-  
çam-se flores nos carros etc. etc. A praça enche-se.*

*(No geral, a população traça de branco e as outras  
cores, que mais se distinguem em enfeites, fitas, ves-  
tidos etc., são as nacionaes. Os caixeiros nacionaes  
vestem todos de branco com gravata preta e chapeo do  
Chile: trazem no braço esquerdo uma capella de flores  
ou folhas e a tiracollo uma larga fita verde de franjas  
de ouro onde se lê em letras douradas—Caixeiros  
Nacionaes.)*

*LUIZ (que se descobre, ao apparecerem os carros dá  
visíveis signaes de enthusiasmo).*

Ei-lo ali!... Meus pobres olhos já não o podem  
bem distinguir, mas sinto pelas palpitações de meu  
coração que perto está o symbolo adoptado pela  
Bahia. E' uma figura, que importa! Ella exprime uma  
data, ella recorda um grande feito! E' necessario  
curvar a ella a cabeça!... Oh! ninguem ria das pala-  
vras, que parecerão talvez tresloucadas em labios de  
um velho! É necessario curvar a cabeça á figura, que  
ali se pavonêa, porque ella revive uma epocha memo-  
randa, porque é sempre sagrado o symbolo, que re-  
presenta a nacionalidade de um povo; e aquelle ca-  
boclo, esmagando o dragão, representa o Brazil con-  
quistando a sua liberdade! Dai lugar, Srs., dai lugar  
ao velho soldado da independencia, que vem talvez  
proximo aos seus ultimos momentos saudar ainda

uma vez o dia immortal dos bahianos! (*Abrem-lhe  
espaço e elle recita a seguinte poesia*).

O velho soldado das lidés de outrora,  
Quebrado dos annos, quebrado da guerra,  
Ao symbolo augusto da patria liberta  
Seu canto vem hoje exalçar pressuroso.

A voz, que se some, já proxima ao tumulo,  
Ainda que tremula se ergue esta vez,  
Os feitos passados de heroes fallecidos,  
De heroes inda vivos, narrando ao porvir.

Eu vi das batalhas os campos sangrentos  
Juncados de bravos da morte ceifados;  
Eu vi as bandeiras rasgadas das balas,  
Guiões sublimados de acções portentosas!

Eu vi Cachocira, Funil, Taparica;  
Eu vi o Cabrito, eu vi Pirajá;  
Vi todos os pontos, aonde da guerra  
A tuba sonora chamou combatentes.

Lá stavam em globo no meio do fogo  
Os filhos heroicos do sul e do norte;  
Iguaes no denodo, lançavam-se avante,  
Iguaes na pujança, nenhum recuava!

Se algum não se via no fim do combate,  
Lá stava no campo por entre os cadaveres!  
Que luta tremenda! Que homens gigantes,  
Que tanto fizeram, que tanto alcançaram!

Por fim, vencedores, o labaro altivo  
Plantaram no cimo dos montes mais altos;  
Foi este o signal de que o mappa do mundo  
Espaço alargara p'ra o nome de um povo!

Venceram os fortes; mas não que covardes  
As hostes inimigas fugissem de medo!  
Nem é de valente vencer a quem foge,  
Nem brilha a victoria do fraco alcançada!

Venceram os fortes, arcando com fortes!  
Ao lado elles tinham de Deus a justiça,  
A causa sagrada da patria, que, escrava,  
Gemia, pedindo soccorro a seus filhos.

Eu vi as cohortes vencidas de Lysia  
Nas náos alterosas fazerem-se ao largo;  
Eu vi esta terra, que tanto soffrera,  
Cobrir-se de galas no dia de Julho.

E hoje que os annos passaram por cima  
De tantas façanhas, de tanto valor;  
E hoje que quasi se esquecem os nomes  
Daquelles que vivem, porque vivos são;

E hoje que ao sol deste dia famoso  
Os corpos dos mortos se agitam nos tumulos:  
Permitta-se ao menos ao velho soldado  
Cantar os seus hymnos ao symbolo augusto.

E vós, ó manebos, nascidos de hontem,  
Que tanto amor patrio no peito abrigais,  
Uni-vos aos velhos, que viram a guerra,  
Hosannas e vivas a Julho entoai!

LUIZ.

Viva o dia 2 de Julho!

POVO.

Viva!

LUIZ.

Viva a constituição politica brasileira!

POVO.

Viva!

LUIZ.

Viva o povo bahiano!

POVO.

Viva!

LUIZ.

Vivão SS. MM. II.

POVO.

Viva!

*(Toca o hymno nacional. Cale o panno.)*

